

COLETÂNEA REAL CONHECER

Volume 12
2022

Multidisciplinar

uniatual
EDITORA

COLETÂNEA REAL CONHECER

Volume 12
2022

Multidisciplinar

uniatual
EDITORA

© 2022 – Uniatual Editora

www.uniatual.com.br

universidadeatual@gmail.com

Organizador

Jader Luís da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Uniatual

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C694m Coletânea Real Conhecer: Multidisciplinar - Volume 12
/ Jader Luís da Silveira (Organizador). – Formiga (MG): Uniatual Editora, 2022. 86 p.: il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86013-28-3

DOI: 10.5281/zenodo.7454566

1. Coletânea. 2. Multidisciplinar. 3. Saberes. 4. Conhecimentos. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 001.4

CDU: 001

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniatual.com.br
universidadeatual@gmail.com
Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniatual.com.br/2022/12/coletanea-real-conhecer.html>



AUTORES

**ALHANDRA DO AMARAL PACHECO
EDU SOUZA DE OLIVEIRA JÚNIOR
ÉRICO TADEU XAVIER
FELIPE EDUARDO CANUTO BONINI
GISELE MORALES
MÁRCIA HAYDÉE ANDRADE GUTIERREZ
MARCOS JUNIOR CHURKIN
ODY MARCOS CHURKIN
SIDINEI EDUARDO BATISTA
SUELEN BORGES LOTH CORREA**

APRESENTAÇÃO

A obra “Coletânea Real Conhecer: Multidisciplinar - Volume 12” foi concebida diante artigos científicos especialmente selecionados por pesquisadores da área.

Os conteúdos apresentam considerações pertinentes sobre os temas abordados diante o meio de pesquisa e/ou objeto de estudo. Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos interdisciplinares, aliados às temáticas das práticas ligadas a inovação, bem como os aspectos que buscam contabilizar com as contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização das metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

SUMÁRIO

Capítulo 1 CATOLICISMO: MISSÃO E INFLUÊNCIA NO BRASIL E NO CONTINENTE LATINO-AMERICANO <i>Érico Tadeu Xavier</i>	8
Capítulo 2 A SANTA DO CABARÉ, DE MOACIR JAPIASSU, E A SUA LEITURA PELOS HORIZONTES DA PÓS-MODERNIDADE <i>Sidinei Eduardo Batista; Felipe Eduardo Canuto Bonini</i>	26
Capítulo 3 EDUCOMUNICAÇÃO, A MULTIMÍDIA, HIPERTEXTO E A HIPERMÍDIA NO ENSINO APRENDIZAGEM, COM, PARA E PELA MÍDIA <i>Ody Marcos Churkin; Edu Souza de Oliveira Júnior; Marcos Junior Churkin</i>	46
Capítulo 4 A IMPORTÂNCIA DA MATEMÁTICA NA INCLUSÃO ESCOLAR <i>Alhandra do Amaral Pacheco</i>	52
Capítulo 5 ETAPAS DO MÉTODO CIENTÍFICO COM O HOMEM ARANHA: DIDÁTICA, CIÊNCIA E DESENHO ANIMADO NO ENSINO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA <i>Ody Marcos Churkin; Marcos Júnior Churkin</i>	56
Capítulo 6 O DESPERTAR DO LÚDICO: O USO DOS GAMES NA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA NOS QUARTOS ANOS <i>Suelen Borges Loth Correa; Gisele Morales</i>	62
Capítulo 7 SUTTON HOO E A ERA VENDEL: AS ELITES QUE SE COPIAM <i>Márcia Haydée Andrade Gutierrez</i>	72
AUTORES	84

Capítulo 1

**CATOLICISMO: MISSÃO E INFLUÊNCIA NO
BRASIL E NO CONTINENTE LATINO-
AMERICANO**

Érico Tadeu Xavier

CATOLICISMO: MISSÃO E INFLUÊNCIA NO BRASIL E NO CONTINENTE LATINO-AMERICANO

Érico Tadeu Xavier

Doutor em Teologia. Professor de Teologia no Seminário Adventista Latino Americano (Ivatuba, PR). contato: etxacademico@gmail.com

RESUMO

O Catolicismo exerceu grande influência na formação social, política, econômica e cultural do Brasil e da América Latina. O estudo da influência da Igreja Católica no continente latino e no Brasil tem como objetivo analisar as características principais do catolicismo e suas contribuições à sociedade brasileira e latino-americana. A expansão da Igreja Católica no Brasil e na América Latina ocorreu antes das religiões protestantes, junto com o descobrimento das terras americanas, fato que fortaleceu sua influência na cultura e na sociedade local não apenas no campo da religiosidade, mas também da política, dos costumes e das práticas sociais e econômicas. A tradição católica mesclou-se ao sincretismo religioso do continente latino-americano desde os jesuítas, sendo notória a participação no campo social e político, influenciando a cultura local de forma positiva ou negativa, conforme sua atuação foi amplamente permitida. Na atualidade a Igreja Católica tem buscado manter sua presença majoritária na sociedade, porém, percebe-se vários tipos de catolicismos inseridos na religião, alguns aceitos pela igreja e outros formados por componentes e base eclesial que se envolvem em questões sociais e políticas que influenciam na vida espiritual e cultural e interferem no campo social, econômico e político da sociedade latino-americana e brasileira.

Palavras-Chave: História. Influência. Catolicismo. Brasil. América Latina.

ABSTRACT

Catholicism exerted a great influence on the social, political, economic and cultural formation of Brazil and Latin America. The study of the influence of the Catholic Church in the Latin continent and in Brazil aims to analyze the main characteristics of Catholicism and its contributions to Brazilian and Latin American society. The expansion of the Catholic Church in Brazil and Latin America occurred before the Protestant religions, together with the discovery of American lands, a fact that strengthened its influence on local culture and society not only in the field of religiosity, but also of politics, customs and social and economic practices. The Catholic tradition has been mixed with the religious syncretism of the Latin American continent since the Jesuits, and the participation in the social and political field is notorious, influencing the local culture in a positive or negative way, according to its performance. Currently, the Catholic Church has sought to maintain its majority presence in society, however, there are several types of Catholicisms inserted in religion, some accepted by the church

and others formed by components and ecclesiastical base that are involved in social and political issues that influence the spiritual and cultural life and interfere in the social, economic and political field of Latin American and Brazilian society.

Keywords: History. Influence. Catholicism. Brazil. Latin America.

1 INTRODUÇÃO

A história do Catolicismo no Brasil e na América Latina requer que se reconheça sua influência na formação social, política, econômica e cultural dos povos que viveram e vivem no continente latino-americano.

Este estudo apresenta um pouco da história de como se formou o campo religioso no Brasil e na América Latina tendo como expoente o catolicismo, em vista de que sua presença, ao longo de mais de cinco séculos, produziu marcas profundas que podem ainda hoje ser percebidas nos costumes e nas práticas religiosas e culturais dos povos brasileiro e latino-americanos.

A pesquisa tem como objetivo analisar as características principais do catolicismo e suas contribuições à sociedade brasileira e latino-americana, em vista da necessidade de se refletir sobre a influência da Igreja Católica na história cultural do continente latino e do Brasil em momentos de transformações sociais e culturais que afetam o campo religioso e político da sociedade.

2 A IGREJA CATÓLICA ROMANA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

A expansão missionária da Igreja Católica Romana às Américas tem a ver com alguns aspectos anteriores que culminaram em movimentos de expansão. Por isso, ao estudar a história de sua atuação e influência no Brasil e no continente latino-americano, cabe esclarecer brevemente como a Igreja Católica se fez presente em quase todos os continentes.

2.1 Origem e Crescimento da Igreja Católica Romana

A história da Igreja Católica Romana remete aos primeiros cristãos e suas lutas em favor do Cristianismo. A conversão do Imperador Constantino à fé cristã deu fim

às perseguições aos cristãos e abriu caminho para que a Igreja crescesse em muitos aspectos, já que não sofria mais a perseguição do Império Romano, pode se firmar eclesiástica e politicamente como religião do Império, o que ocorreu oficialmente pelas mãos do Imperador Teodósio, o Grande (GONZÁLES, 1997).

Em 28 de fevereiro de 380, na cidade de Tessalônica, Teodósio promulgou um edito destinado a toda a população do Império, afirmando: “Todos os povos devem aderir-se a fé transmitida aos romanos pelo apóstolo Pedro e professada pelo pontífice Dámaso e o bispo Pedro de Alexandria, quer dizer, reconhecer a Santa Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (DEIROS, 2005, p. 84).

A Igreja Católica passou, então, a ser a religião oficial do Cristianismo. Souza (2005, p. 291) esclarece que a autoridade da Igreja foi dada ao Papa, sendo reconhecidos “direitos e prerrogativas da Santa Sé” ao mesmo através do Editto de Tessalônica Cunctos Populos. O termo “católico” significa “universal” e foi usado por Santo Inácio, na sua epístola a Esmirna, em 170 d.C. (CAIRNS, 1995).

De acordo com Cairns (1995), entre os anos 100 e 313 d.C. a Igreja apostólica sofreu com as perseguições do Império, mas também com situações internas, como ensinamentos heréticos e divisões. Os líderes em Roma tomaram algumas medidas: desenvolveram o Cânon do Novo Testamento, criaram um credo para declaração de sua fé, e promoveram a obediência aos bispos monárquicos, líderes da igreja em cada região. O bispo de Roma passou a ter maior prestígio político e entre os cristãos, declarando-se, com maior autoridade sobre os demais bispos.

Hurlbut (2002) comenta que a Igreja Católica Romana se manteve além do Império Romano (que caiu em 476 d.C.) e, apesar de seus problemas com a Igreja Ortodoxa Grega, afirmou seu poder como Igreja Universal e contribuiu para a expansão do Cristianismo de diversas maneiras, a exemplo das Cruzadas, que se iniciaram ao fim do século onze e se prolongaram por quase 300 anos, aumentando seu poder eclesiástico, seu domínio sobre os líderes das nações, e suas posses.

Durante a Idade Média, as Cruzadas contribuíram para a expansão do Cristianismo. As Cruzadas iniciaram em 1096 e se estenderam até 1291, mas seus reflexos foram sentidos até 1492, com a expulsão definitiva dos mouros do sul da Europa, região tradicionalmente cristã. Seus principais efeitos foram: - O fortalecimento da Intolerância diante dos que pensavam diferente (o espírito das Cruzadas) que fortemente marcou a oposição aos “heréticos” na Europa, durante a Idade Média; - O surgimento de ordens monásticas militares; - Uma mudança na

atitude em relação à guerra aceitável quando em defesa da fé cristã; - Mudanças políticas e econômicas como resultado das conquistas e das novas relações dentro do mundo mediterrâneo; - Um crescente conflito entre as igrejas ocidental e oriental devido ao não respeito ao território de cada uma; - O “mau testemunho na história”, cujas influências são sentidas ainda hoje no relacionamento entre cristãos e muçulmanos (EKSTRÖM, 2001, apud XAVIER, 2008, p. 36).

O movimento das Cruzadas aumentou o poder eclesiástico e seu domínio sobre os líderes das nações, além de aumentar as posses da Igreja em toda a Europa. No decorrer dos séculos, porém, “as grandes riquezas, a arrogância dos sacerdotes e o uso sem escrúpulo que faziam do poder, despertaram o descontentamento e ajudaram a preparar o caminho para o levante contra a igreja católica romana [...]” (HURLBUT, 2002, p. 157).

Esse levante contrário às práticas católicas, especialmente contra os atos de corrupção do clero, doutrinas romanas como o purgatório, adorações de imagens e pretensões sacerdotais, autoridade papal, uso de indulgências para perdão de pecados, entre outros fatores, levou a movimentos de reforma no meio católico, a partir da Idade Média, cujas ideias constituem o Protestantismo.

A Igreja Católica promoveu então uma medida, chamada de Contra Reforma, para reagir ao avanço do protestantismo na Europa. Essas medidas incluíram uma série de ações promovidas pela Santa Sé, dentre elas, a evangelização de pessoas (catequização) por meio dos jesuítas, a reativação do tribunal da Inquisição, proibição da leitura de livros, entre outros assuntos, e alguns dos princípios da contra reforma foram debatidos durante o Concílio de Trento (SILVA, 2002a).

Essas missões alcançaram as Américas. No Brasil e na América Latina o catolicismo se fortaleceu facilitado pelas Grandes Navegações ao Novo Mundo, promovidas pela Espanha e Portugal, que traziam em seus navios missionários, padres e congregações para colonizar e catequizar os habitantes das regiões.

2.2 O Movimento Missionário Católico no Brasil e na América Latina

A chegada dos primeiros missionários católicos ao Brasil e à América Latina praticamente coincide com a conquista e o processo de colonização dessa região. A influência católica é sentida em diferentes contextos, não apenas no campo da religiosidade, mas também da política, dos costumes, das práticas sociais, enfim, em

toda a formação histórica do continente latino-americano.

Silva, Bellotti e Campos (2010, p. 8), explicam que o caráter do pluralismo religioso atual só pode ser compreendido pela história do desenvolvimento religioso no período colonial da América latina, iniciado no século XVI. “Desta realidade de violências, resistências e hibridismos surgiram expressões religiosas católicas mestiças que marcaram profundamente a cultura do continente”.

O catolicismo veio ao Brasil com Pedro Álvares Cabral, em 1500, sendo então realizada a primeira missa no território brasileiro. Com a chegada dos jesuítas, a partir de 1549, a Igreja Católica participou da construção de vilas e cidades, a exemplo de São Paulo. Outros grupos de clérigos católicos, como os franciscanos e as carmelitas, vieram à colônia portuguesa com o fim de evangelizar os indígenas. Esse processo, ligado às políticas comerciais dos europeus, trouxe consequências, entre elas “o acultramento das populações indígenas e os esforços no sentido de disciplinar, de acordo com os preceitos cristãos europeus, a população que aqui habitava, principalmente através de ações educacionais” (PINTO, 2022, p.1).



Figura 1 - Quadro de Victor Meirelles retratando a primeira missa católica no Brasil, em 1500.

Fonte: PINTO (2022).

No continente latino-americano a presença católica também está associada aos descobrimentos e colonização, principalmente, pelos espanhóis, a partir de 1492, quando Cristóvão Colombo “descobriu” a América, iniciando o processo de conquista

e exploração das riquezas, especialmente metais preciosos, e dos povos nativos. A chegada aparentemente amigável foi substituída pela violência, recurso utilizado amplamente pelos espanhóis, levando à dizimação de alguns povos, a exemplo dos astecas, dos incas, e de outras populações nativas, como ocorreu nas ilhas do Caribe. Segundo descreve Las Casas, os nativos, como “cordeiros tão dóceis” eram mortos e afligidos pelos espanhóis, considerados pelo autor como “leões e tigres cruéis”, que acabaram por provocar a extinção ou dizimação dos nativos. Afirma o autor que, “de três milhões de almas que havia na ilha Espanhola e que nós vimos, não há hoje de seus naturais habitantes nem duzentas pessoas. A ilha de Cuba, [...] a ilha de São João e a de Jamaica, ambas muito grandes e muito férteis, estão desoladas” (LAS CASAS, 2011, p. 27-28).

De acordo com Silva (2022b), Bartolomé de Las Casas foi um frei franciscano que denunciou as violências dos espanhóis contra os nativos na tentativa de defendê-los, mas com pouco sucesso, já que cerca de 80% da população nativa original americana morreu no afã da conquista espanhola, durante o século XIV. A participação católica foi crucial na chegada dos espanhóis nas Américas, pois foi pela influência de Isabel de Castela e Fernando de Aragão, conhecidos como os reis católicos, que o Papa avalizou o Tratado de Tordesilhas, de 1494, que dava posse a Espanha às terras descobertas a oeste da linha imaginária sobre a América, e à Portugal a posse das terras descobertas a leste dessa linha.

A conquista dos povos nativos teve, segundo Karnal (2010, p. 27), a religião como um “papel de base”, ou seja, os conquistadores agiam alegando estar ganhando almas para Deus, mas incorporavam “um catolicismo guerreiro, agressivo e associado ao estado”.

Nesse sentido também se posiciona Boff (apud PILETTI, 1993), o qual faz uma crítica ao formato de evangelismo praticado pela Igreja Católica, a saber:

O catolicismo que veio para a América Latina é aquele inculturizado nas matrizes europeias greco-romano-germânicas. Transplantou-se para cá uma instituição religiosa que fazia parte do imenso projeto colonial de ocupação militar e exploração econômica de mundos a serem dominados. Não houve, no sentido estrito, uma evangelização. [...] é uma questão de justiça para com as vítimas e de honradez para com a evangelização reconhecer que na América Latina se introduziu um cristianismo distorcido. [...]. (BOFF, apud PILETTI, 1993. p. 198).

Destacam-se brevemente algumas das influências mais importantes, assim como, algumas consequências da expansão missionária católica na história e cultura do Brasil e da América Latina, desde a colonização até os momentos mais recentes.

2.2.1 A Companhia de Jesus

O trabalho da Companhia de Jesus se destaca na colonização e educação dos nativos nas colônias portuguesas. Conforme descrito no Portal São Francisco (2022, s/p), “a Companhia de Jesus é uma ordem católica romana do clero regular, fundada por Santo Inácio de Loyola, em 1534, que está fortemente comprometida com a educação, estudos teológicos e trabalho missionário”. A Companhia de Jesus foi fundada por Inácio de Loyola e outros seis estudantes: Francisco Xavier, Pierre Faber, Alonso Salmerón, Diego Laínez, Nicolás Bobadilla e Simão Rodriguez. Inácio e seus companheiros foram ordenados ao sacerdócio em Veneza, Itália, após terem recebido permissão do Papa Paulo III, em 1537, para a fundação da referida ordem e, em 27 de setembro de 1540, o Papa assinou a Bula *Regimini militantis ecclesiae*, oficializando a Companhia de Jesus como uma ordem religiosa.

A Companhia de Jesus teve, entre seus objetivos, combater a expansão de doutrinas antagônicas ao catolicismo e ao poder papal e catequizar os nativos do continente recém-conquistado na América, em cujo processo ocorreu a catequização dos indígenas no Brasil e a educação religiosa dos colonos. Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, sob o comando do padre Manuel da Nóbrega. Destaca-se também a figura do padre Antônio Vieira, que atuou tanto entre colonos quanto entre indígenas, na região Amazônica.

A Companhia de Jesus contribuiu com a expansão católica no Brasil e no continente latino-americano de diferentes maneiras, algumas positivas e outras negativas. Destacam-se algumas dessas contribuições:

a) **Educação Católica:** Coube aos jesuítas a fundação das primeiras instituições educacionais no Brasil. Entre os séculos XVI e XVII os jesuítas fundaram colégios e construíram igrejas em diferentes regiões brasileiras. A estrutura de ensino era baseada em currículos e graus acadêmicos. A atividade educativa foi a principal tarefa dos jesuítas que expandiram os colégios, gratuitos na época. Em 1556 a Companhia contava com 46 colégios e, no final do século XVI, já eram 372. O conjunto de normas e estratégias pedagógicas utilizadas pelos jesuítas era a *Ratio Studiorum*

(Ordem dos Estudos), que continha fundamentos para a formação integral do homem cristão em conformidade com a fé e cultura daquele tempo. Para alcançar os indígenas, foram construídas “reduções” ou “missões”, para onde levavam os nativos, os quais eram aculturados, cristianizados e preservados da escravidão colonial. Tais missões foram criadas, em sua maioria, na região das bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2022).

Entretanto, a educação jesuítica que se construiu no continente latino-americano não favorecia a educação formal do povo e sim as camadas dominantes, os senhores de engenho e donos de terra. O ensino da *Ratio Studiorum* representava os interesses da igreja e dos colonizadores portugueses e, embora não fosse uma política de Estado, a família real portuguesa, quando veio ao Brasil, em 1808, não modificou a estrutura de ensino já instalada. Mesmo com as mudanças ocorridas na educação brasileira (BRASIL, s/d).

b) **Influência político-religiosa:** Os jesuítas acabaram por adquirir grande poder político sobre os seus seguidores, fazendo oposição aos colonos que exploravam a mão de obra indígena e promovendo resistências, o que resultou em conflitos graves que incluíram batalhas, como as Entradas e Bandeiras, sob o poder missionário. Em 1759, devido à excessiva interferência dos jesuítas no Brasil, o Marquês de Pombal determinou a expulsão destes de Portugal e do Brasil, pois a participação e influência dos jesuítas provocou a reação dos bandeirantes paulistas que atacaram os aldeamentos do Paraná-Paraguai. Antônio Vieira atuou na região amazônica para conter a violência das “tropas de resgate” contra as missões jesuíticas. O apoio dos padres à resistência indígena entrou em conflito com o Estado e com a Igreja, que viram esse ativismo político ficar acima do religioso. Em 1750, com a definição das terras ocupadas por Portugal e Espanha pelo Tratado de Madri, os índios de Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul, foram levados para terras paraguaias e argentinas (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2022).

A visão esquerdista adotada por alguns dos jesuítas latino-americanos foi afirmada por outros padres ao longo dos séculos e culminou no desenvolvimento da Teologia da Libertação, movimento que se destaca no campo religioso latino-americano por se envolver diretamente nas questões sociais.

c) **Sincretismo religioso:** foi também com os jesuítas que iniciou o processo de sincretismo no Brasil e no continente latino-americano. A associação de divindades tupis com o Deus e os santos do catolicismo foi a maneira que os primeiros

missionários encontraram de alcançar os indígenas e nativos e assim facilitar a catequização e a aceitação dos costumes católicos. Mais tarde, com a vinda dos escravos africanos, esse processo continuou, já que os negros não aceitavam perder sua cultura religiosa, mas aceitavam a convivência das divindades africanas com os santos católicos como se estes dividissem o mesmo espaço/universo religioso (RIBEIRO, 2012).

Essas duas questões perpetuaram-se no catolicismo brasileiro e latino-americano e estão relacionadas com a história atual do catolicismo nessa região.

2.2.2 Sincretismo religioso

O sincretismo religioso no Brasil e no continente latino-americano faz parte da história da colonização e da igreja católica nessa região. De acordo com Priore (apud PILETTI, 1993, p. 198), o papel da Igreja Católica na constituição da sociedade brasileira foi cristianizar os indígenas e catequizar os colonos, difundindo a fé católica e visando a combater as outras religiões contrárias ao catolicismo, como o Judaísmo, o Protestantismo e as crenças africanas que eram trazidas pelos escravos.

Com o processo de entrada de outros grupos religiosos no Brasil e na América Latina, o catolicismo adotou a oposição como forma de combater as crenças divergentes, voltando à Inquisição. Mas, mesmo antes de perder seu poder perante o Estado, os padres foram percebendo que, para aumentar o número de fiéis, necessitava-se de estratégias diversas. Foram então criadas irmandades, festas e celebrações, na tentativa de trazer mais pessoas à fé católica e dar mais atenção à religiosidade popular, principalmente entre os pobres. Desse modo, foi sendo incorporado ao já existente conjunto de crenças nos santos e nas imagens, os imaginários populares, como milagreiros, messianismo indígena, e outras formas de crença que as camadas sociais mais pobres ansiavam e praticavam.

Os primeiros sinais de sincretismo no território brasileiro e continente latino-americano foram observados entre os indígenas, como o caso das aparições de Maria na América e de Nossa Senhora de Guadalupe, no México. Karnal (2010) comenta que o sincretismo entre as crenças nativas e católicas foi facilitada pelo fato de ambas as culturas religiosas acreditarem em aparições e imagens. Os indígenas, de religião politeísta, já acostumados a usar imagens em seus rituais, aceitaram sem problemas

as estátuas cristãs dos santos, a exemplo do Cristo ensanguentado, relacionando-as com seus rituais de sacrifício humano e de animais.

O catolicismo latino-americano, principalmente o brasileiro, foi sendo formado a partir da cultura religiosa popular, seguindo os modelos do imaginário indígena e africano incorporados às práticas e costumes católicos. Nesse sentido, a cultura ibero-latino-católica, indígena e negra é representada pela religião popular, folclórica, da qual resultou um imaginário de espíritos e demônios bons e maus, os quais podem ser manipulados magicamente. Essa religiosidade popular, desenvolvida desde o período colonial, sobressai na atualidade, não apenas na igreja católica, mas nas igrejas pentecostais e neopentecostais, e traz algumas características, quais sejam: “peregrinações a locais sagrados; mediação dos santos por meio de preces muito populares, que nem sempre seguem a canonização oficial dos mesmos pela igreja; fazer e cumprir promessas, acender velas, solicitar ajuda de rezadores” (MENDONÇA, 1997, apud PROENÇA, 2006, p. 147).

Proença (2006) destaca que, ainda hoje, é possível perceber o sincretismo no cristianismo brasileiro e latino-americano. Entre os católicos, a oração, prece ou reza são fórmulas que podem ser dirigidas tanto a Deus como a Cristo, à Virgem Maria e aos santos, conforme o fiel julgar conveniente. Igualmente, na religiosidade africana convivem os mesmos santos católicos, com outros nomes de divindades adoradas pelo candomblé e umbanda, numa pluralidade de deuses e entidades.

Alguns países onde os cultos a Maria são realizados são: destacados por Freitas Neto (2010, p. 38), quais sejam: “Nossa Senhora de Luján (Argentina), Nossa Senhora de Copacabana (Bolívia), Nossa Senhora de Chiquinquirá (Colômbia), Nossa Senhora de Caacupé (Paraguai), a Virgem dos trinta e três (Uruguai), Nossa Senhora de Coromoto (Venezuela) e Nossa Senhora Aparecida (Brasil)”.

Se, por um lado, a mescla de culturas religiosas facilitou a entrada de indígenas, nativos e africanos no catolicismo, por outro lado, não se pode deixar de observar a contribuição da Igreja Católica às artes, através de seus quadros e imagens. Algumas das produções artísticas barrocas que foram criadas por Antonio Francisco Lisboa (Aleijadinho), artista plástico que viveu em Ouro Preto, Minas Gerais, entre 1730 e 1814, considerado o maior expoente da arte colonial brasileira, estão expostas nas cidades de Salvador, Diamantina, Ouro Preto, Recife e Olinda. Suas obras retratam santos católicos e populares entre os brasileiros (PINTO, 2022).

2.2.3 Envolvimento da igreja católica no campo social e político

A partir dos jesuítas, a Igreja Católica no Brasil e na América Latina passou a se inserir no campo social e político, influenciando positiva ou negativamente na cultura e na política de países em que sua atuação foi amplamente permitida.

A Igreja Católica e o Estado tiveram relações estreitas no período colonial e no Império. A Igreja garantia disciplina social, dentro de certos limites, executava tarefas administrativas, como registro de nascimentos, mortes e casamentos, mantinha assistência social nas paróquias e em hospitais, principalmente as Santas Casas de Misericórdia. Por outro lado, o Estado nomeava os bispos e párocos e concedia licenças para construção de igrejas e escolas. A influência da Igreja Católica sobre o Estado brasileiro foi retirada pelo Marquês de Pombal, em 1759, mas, após sua morte, voltou a existir e continuou por todo o período imperial brasileiro, no século XIX (PINTO, 2022).

Conforme Oro e Ureta (2007), a influência da Igreja Católica sobre o Estado, no continente latino-americano, foi sendo diluída, principalmente, pela chegada dos protestantes, sob a permissão do Estado. Desse modo, nos séculos XIX e XX, os países dessa região fizeram mudanças em suas constituições, resultando em que, na maioria dos países, a separação entre Igreja e Estado foi consagrada legalmente. Atualmente, apenas três países do continente latino-americano ainda têm a Igreja Católica como aliada ao Estado, sendo eles: Argentina, Bolívia e Costa Rica.

No Brasil, a proclamação da República, em 1889, oficializou a separação entre Igreja e Estado, sendo então permitida a liberdade de culto a todas as religiões, não especificamente à religião católica. O poder temporal da Igreja Católica sobre o Estado brasileiro foi oficializado a partir da edição do Decreto nº 119-A, de 1890, que retirou a exclusividade do catolicismo como religião única e destituiu o Padroado. No entanto, o fim do Padroado e sua ligação direta ao Estado possibilitou à Igreja Católica atuar de maneira autônoma e, assim, devendo obediência somente ao Vaticano, passou a construir paróquias e dioceses em todo o território nacional, especialmente no interior (MEDEIROS, 2016).

Contudo, a presença religiosa católica continuou não apenas na sua atuação autônoma, posto que, desde o início da colonização, feriados e festas nacionais foram assimilados culturalmente, constando do calendário político-administrativo de diversos países. No Brasil, ainda hoje, se comemora o dia de Nossa Senhora

Aparecida, em 12 de outubro, como sendo a padroeira do país, e as festas juninas constituem uma festa cultural adotada pelos brasileiros (PINTO, 2022).

Conquanto a separação entre Estado e Igreja seja algo ligado à secularização das religiões e a laicidade na América Latina, a religião não perdeu seu significado no campo brasileiro e latino-americano estando permeada no comportamento social, na política, na cultura dos povos dessa região. Oro e Ureta (2007, p. 1), afirmam que, a realidade latino-americana “percebe a existência de forças conjuntas, opostas, mas interligadas, de secularização e de reencantamento [...]”.

Apesar de o catolicismo ter perdido grande parte de seu poder e adeptos ao longo do tempo, sua influência na cultura brasileira e latino-americana demonstra que religião e modernidade, religião e política, não se excluem, mas se combinam, produzindo relações mútuas entre Estado e religião, religião e sociedade.

Essa conclusão de Oro e Ureta (2007) pode ser percebida tanto no sistema cultural quanto no sistema político da sociedade brasileira e latino-americana, que apresentam uma marca religiosa que se manifesta na experiência religiosa, marcada por um imaginário sincrético, assim como pela presença da igreja nas questões políticas. Assim, longe de laicizar o Estado, o cristianismo brasileiro e latino-americano, onde a Igreja Católica atua, hoje, ao lado de protestantes, pentecostais e neopentecostais, luta para ampliar sua dimensão religiosa ao espaço público.

Conforme Pinto (2022), a igreja católica, como instituição, se manifesta contrária à atuação política; contudo, desde o início, vários grupos católicos atuaram politicamente, voltando suas atenções aos pobres e explorados, principalmente. Ao longo da história brasileira, por exemplo, pode-se citar a Revolta de Canudos, no fim do século XIX, e no século XX a atuação política de padres e membros católicos de grupos ligados à Teologia da Libertação, que formaram movimentos sociais, como o MST, fazendo uso de suas influências nos Conselhos Eclesiais de Base (CEBs).

Também Medeiros (2016) comenta sobre a Teologia da Libertação que a visão de teólogos e padres ligados a ela acreditam que a Igreja não deve cuidar apenas da espiritualidade, mas também dos problemas sociais, de modo que seu envolvimento provoque mudanças políticas e estruturais na sociedade, auxiliando os mais necessitados. No entanto, o continente latino-americano tem sido alvo de radicalização por alguns integrantes do catolicismo, a exemplo de Manuel Perez, que atuou na Nicarágua, no México e na Colômbia acima do aceitável pela igreja, tendo sua autoridade ministerial retirada pelo Papa.

A Teologia da Libertação, assim como o movimento de Renovação Carismática Católica (RCC) são ideologias surgidas a partir de uma mudança radical de pensamento e prática eclesial na Igreja Católica. Pierucci e Prandi (apud ORO; ALVES, 2013, p. 1), afirmam que a RCC nasceu para reter fiéis e barrar o avanço pentecostal, mas também tem duplo objetivo: “enfrentar, dentro da Igreja, o crescimento dos setores mais progressistas (como a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base) e, fora dela, a expansão do pentecostalismo”.

O surgimento de diferentes práticas no catolicismo, ou como chama Palácio (2004, p. 193), a convivência de “vários catolicismos” na igreja, requer a análise dessa práxis, posto que “nem tudo é possível em nome do evangelho”. Segundo o autor, resta saber por qual critério “deve ser medida toda e qualquer experiência – particular ou de grupos – e as pastorais que as alimentam: saber se tocam o cerne do evangelho e são capazes de manter a unidade e o equilíbrio da experiência”.

As mudanças na Igreja Católica com respeito à práxis eclesial brasileira e latino-americana foram mais acentuadas a partir da segunda metade do século XX, coincidindo com a constatação de que a Igreja estava perdendo adeptos ao pentecostalismo e neopentecostalismo, que agregavam os mais pobres com um discurso carismático.

Um evento importante que desencadeou as mudanças na práxis eclesial da Igreja Católica no mundo e, de forma especial, no contexto brasileiro e latino-americano, foi o Concílio Vaticano II, convocado pelo então Papa João XXIII, no dia 25 de dezembro de 1961 e que perdurou até 1965. Esse concílio refletiu sobre as situações políticas, sociais, culturais e religiosas que envolviam a ação católica, com a intenção de tornar “a igreja de todos e em particular a Igreja dos pobres” (João XXIII, mensagem 11/09/1962). Esse ato visa a promover mudanças para o retorno ao Pentecostes, a uma ação mais próxima do carisma dos apóstolos, mudando a rota da Igreja para colocá-la de frente com o mundo moderno. Sobre esse Concílio, Restori (2015, p. 10) comenta que as decisões ali expostas produziram novas práxis, onde “[...] muitas renovações aconteceram em diversas frentes da vida da Igreja. Tanto no âmbito das práticas pastorais quanto da reflexão teológica [...]”.

Dentre os frutos citados por Restori (2015, p. 10), estão: “renovação litúrgica em diálogo com as diferentes culturas, Igreja comprometida com os pobres, diálogo ecumênico e inter-religioso, doutrina social da Igreja, experiência de ministérios leigos etc.”.

No Brasil, especialmente, o Documento de Aparecida, resultado da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em 2007, produziu diretrizes para a renovação eclesial no continente, o resgate da dimensão missionária e a mudança do agir da Igreja nos moldes do Vaticano II, tendo o compromisso com os mais pobres.

De acordo com Hoss (2011, p. 273), a igreja Católica tem “uma definição mais ampla do que é ser ‘pobre’ no contexto da América Latina” e inclui “todas as formas de pobreza – não somente aquela derivada diretamente das condições financeiras extremamente desfavoráveis [...]”.

A respeito das mudanças promovidas na igreja Católica, Hoss (2011, p. 274) afirma que essa mudança vem para conduzir a igreja de volta ao caminho da missão: “Para cumprir sua missão, a Igreja precisa romper as fronteiras do exclusivamente religioso. Esta condição é o que desafia os grupos religiosos a um autêntico diálogo com todos os âmbitos da vida humana e os diversos saberes”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença católica no Brasil e continente latino-americano é bastante ampla, sendo apresentada neste trabalho apenas uma pequena parte para analisar acerca da Igreja Católica, sua influência e contribuições à sociedade e à religiosidade.

A Igreja Católica tem buscado a manutenção de sua presença majoritária na região, mesclando seus costumes e práticas com os dos povos nativos e outros que fazem parte da sociedade brasileira. As diferentes crenças foram articuladas pela igreja, de modo que se percebe a participação da religião católica na sociedade e no poder político e cultural de todo o continente latino-americano. Assim, a tradição católica na região se mostra um fenômeno religioso, cultural e político que permeia as diversas sociedades ainda na atualidade.

Percebem-se, no contexto brasileiro e latino-americano, vários “catolicismos” permeados na Igreja Católica, alguns aceitos pela autoridade máxima eclesial da Igreja Católica, o Papa, e outros formados e explorados por componentes da igreja que se envolvem, e à sua base eclesial, em questões sociais e políticas. No Brasil e na América Latina as mudanças que levam à recomposição da práxis católica conduzem a igreja de volta às missões, estas voltadas a atender às necessidades dos pobres nos campos social, espiritual, cultural, econômico e político.

REFERÊNCIAS

BOFF, L.. América Latina: da conquista à nova evangelização. In: PILETTI, N. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1993. p. 119-122.

BRASIL. Ministério da Educação. **História e organização da educação brasileira**. 4º Semestre. Unidade I. A educação brasileira da colônia ao império e primeira república (1549 – 1930). Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/17131/Curso_Let-Esp-Lit_Historia-Organizacao-Educacao-Brasileira.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

CAIRNS, E.E. **O Cristianismo através dos séculos uma história da Igreja cristã**. Tradução de Azevedo, Israel Belo de. 2ª. São Paulo, SP: Vida Nova 1995.

DEIROS, P.A. **Historia del cristianismo: los primeros 500 años**. Buenos Aires, Argentina: Ediciones del Centro, 2005.

EKSTRÖM, B. **História da missão**. A história do movimento missionário cristão. Londrina, PR: Descoberta, 2001.

FREITAS NETO, J.A.de. Matrizes da tradição católica na América Hispânica: apontamentos históricos. In: SILVA, E.M.da; BELLOTTI, K.K.; CAMPOS, L.S.(Orgs.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 33-54.

GONZÁLEZ, J.L. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes**. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1997.

HOSS, G.M.H. A comunidade de fé cristã: Lugar do *acontecer Igreja* à luz dos valores evangélicos. In: PERETTI, C. (Org.). Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Champagnat, 2011. p. 267-278. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2011/>. Acesso em: 10 out. 2022.

HURLBUT, J.L. **História da igreja cristã**. São Paulo, SP: Betânea 2002.

KARNAL, L. Catolicismo na América Latina: período da conquista e da colonização. In: SILVA, E.M.da; BELLOTTI, K.K.; CAMPOS, L.S. (Orgs.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 17-31.

LAS CASAS, B.de. **O paraíso destruído: A sangrenta história da conquista da América Espanhola**. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 27-28.

MEDEIROS, E.L. **História da igreja no Brasil**. UNIASSELVI, 2016. Disponível em: <https://www.uniassevi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=22312>. Acesso em: 10 out. 2022.

ORO, A.P.; URETA, M. Religião e política na América Latina: uma análise da legislação dos países. **Horizonte Antropológico**, v. 13, n. 27, jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832007000100013>. Acesso em: 10 out. 2021.

_____; ALVES, D. Renovação carismática católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? **Religião e Sociedade**, v. 33, n. 1, 24 jul. 2013.

PALÁCIO, C. O cristianismo na América Latina discernir o presente para preparar o futuro. **Perspectiva Teológica**, v. 36, n. 99, p. 173, 2004. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2908>. Acesso em: 10 out. 2022.

PILETTI, N. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1993.

PINTO, T.dosS. A igreja católica no Brasil. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/igreja-catolica-no-brasil.htm>. Acesso em: 10 out. 2022.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Companhia de Jesus**. 2022. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/companhia-de-jesus>. Acesso em: 10 out. 2022.

PROENÇA, W.deL. **Sindicato de mágicos**: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006). Tese (Doutorado). Assis: UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2006.

RESTORI, M.. **A missão no Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Marco conciliar)

RIBEIRO, J.O. **Sincretismo religioso no Brasil**: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo. Monografia (Graduação em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, 2012.

SILVA, E.M.da; BELLOTTI, K.K.; CAMPOS, L.S.(Orgs.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

SILVA, D.N. Contrarreforma. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/contra-reforma.htm>. Acesso em: 10 out. 2022a.

_____. Conquista da América espanhola. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/conquista-america-espanhola.htm>. Acesso em: 10 out. 2022b.

SOUZA, S.C.de. A santa sé e o estado da cidade do vaticano: distinção e complementaridade. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, v. 100, p. 287-314, jan./dez. 2005.

XAVIER, E, T. O crescimento da igreja através dos séculos: análise da História e dos aspectos positivos e negativos. **Kerygma** v. 4 n. 1. p. 31-44, 2008.

Capítulo 2

**A SANTA DO CABARÉ, DE MOACIR JAPIASSU,
E A SUA LEITURA PELOS HORIZONTES DA
PÓS-MODERNIDADE**

Sidinei Eduardo Batista

Felipe Eduardo Canuto Bonini

A SANTA DO CABARÉ, DE MOACIR JAPIASSU, E A SUA LEITURA PELOS HORIZONTES DA PÓS-MODERNIDADE

Sidinei Eduardo Batista

*Professor do Departamento de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, campus de Pato Branco. E-mail:
sidineibatista@professores.utfpr.edu.br*

Felipe Eduardo Canuto Bonini

*Acadêmico do curso de Letras Inglês da Universidade Estadual de Maringá. E-mail:
ra113025@uem.br*

RESUMO: Wolfgang Iser em seu livro *O Ato da Leitura* (1966) afirma que o “repertório designa o material selecionado pelo qual o texto é relacionado aos sistemas de seu ambiente, e que estes, em princípio, são sistemas da vida social e sistemas da literatura do passado”. Nessa seara, as normas contidas e as referências literárias situam o horizonte textual, que constitui um contexto específico de referências, a partir do qual o sistema de equivalências do texto deve ser criado. Iser afirma que a concretização dessa equivalência virtual do repertório necessita de uma organização produzida pelas estratégias textuais e que suas tarefas têm objetivos diferentes. Desse modo, as estratégias precisam esboçar as relações entre os elementos do repertório, estabelecendo as possibilidades de combinação de elementos que são necessárias para a produção da equivalência. Essas possibilidades devem criar relações entre o contexto de referência do repertório e o leitor do texto, que deve atualizar o sistema de equivalência. Nesse sentido, as estratégias organizam tanto o material do texto como suas condições comunicativas. É importante destacar que essas condições não podem ser confundidas com a representação e nem com os efeitos do texto, mas sucedem em um momento anterior àquele em que esses termos podem ser relevantes. A organização do repertório imanente ao texto, com efeito, coincide com o a iniciação dos atos de compreensão do leitor. Para Iser, quando elas são dispensadas, evidencia-se o modo como as estratégias regulam a organização dos elementos do repertório no texto e asseguram as condições de recepção. Iser orienta essa indicação nos atos de fala; portanto, devemos levar em conta que as estratégias não apenas organizam o contexto de referência do repertório e esboçam a sua compreensão. Antes disso, elas preenchem aquela função que no modelo do diálogo dos atos da fala são chamadas de *accepted procedures*. A partir da noção de Modelo Histórico-Funcional da Literatura, exposto por Iser, este trabalho tem por objetivo observar aspectos relacionados ao modo como as estratégias do texto conduzem o leitor a um determinado horizonte de expectativa dentro do texto literário. Seguindo as premissas apontadas neste resumo, pretendemos observar como é que a partir de um determinado repertório, um leitor pode se sentir seduzido à leitura de

um livro. Objetivamente, pretendemos fazer um breve apanhado sobre a Estética da Recepção e sobre a Teoria do Efeito, ao mesmo tempo em que realizaremos alguns apontamentos sobre o romance *A Santa do Cabaré, Cordel Pós-Moderno de Amor e Morte* de Moacir Japiassu, que em seu título oferece um horizonte de expectativa ao se intitular como um romance pós-moderno.

Palavras-chave: Leitor. Leitura. Literatura. Horizonte de expectativa. Modernidade X Pós-modernidade.

1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, os estudos literários relegaram ao leitor e a recepção literária a um papel secundário, quando não os ignoraram explicitamente. COMPAGNON (2001), diz que os estudos literários dedicam um lugar muito variável ao leitor, e que sua importância é medida entre dois pólos distintos. De um lado, as abordagens que ignoram tudo do leitor, do outro as que valorizam, ou até o colocam em primeiro plano na literatura, identificam a literatura a sua leitura. Alguns teóricos, no entanto, são incluídos em determinados movimentos ou escolas sem que eles próprios tenham declarado uma simpatia ou posição em particular, como é o caso de I. A. Richards. Outros, como Roland Barthes, têm uma história complicada de ligações a movimentos opostos. Outros ainda, como Jonathan Culler, propuseram-se conciliar teorias aparentemente inconciliáveis. Por consequência, se considerarmos que os dois grandes pontos de referência da teoria literária deste século são o formalismo e o pós-estruturalismo, (já que o primeiro inaugurou o estudo das obras “em si” e o segundo rompeu definitivamente com o estudo da pretensa objetividade estrutural da literatura), não é correto considerar que as teorias de recepção fazem parte apenas dos movimentos pós-estruturalistas.

Não obstante a relação entre leitura e literatura seja elementar, os estudos literários só passaram a tematizá-la a partir das primeiras décadas do século XX com as teorias da recepção que centralizaram a obra sob a recepção do leitor. No entanto, a adoção dessa postura ocorreu de forma mais sistemática a partir dos anos 1960 com a ascensão dos estudos pós-estruturalistas. São duas as principais tendências teóricas orientadas para o leitor: as teorias de resposta americanas e a estética da recepção alemã. Contudo, também a crítica fenomenológica, o desconstrucionismo, a crítica psicanalítica, a semiótica estruturalista, e até a New Criticism americana contribuíram de alguma forma para avançar mais um pouco na conquista da

autoridade do leitor enquanto sujeito, por excelência, da concretização da literatura. ZAPPONE (2005), acredita que esse interesse é tributário, em grande parte, do redimensionamento das noções de autor, de texto e de leitor.

A concepção de que o texto e o seu significado pertenciam ao autor entrou em colapso. Sobre isso, ZAPPONE (2005) relata que nas últimas décadas do século XX assistiu-se a morte do autor. Para a pesquisadora, o autor morreu enquanto entidade “detentora do sentido” do texto que escreve. Embora o autor seja o produtor do texto; portanto quem articula linguisticamente as ideias, os sentimentos, as posições ideológicas; entende-se, a partir de agora, que ele não controla o(s) sentido(s) que sua produção pode suscitar. Dessa forma, o autor não é mais considerado detentor do sentido do texto:

O texto, por sua vez, desvencilhou-se das amarras estruturalistas/funcionalistas que atribuíam exclusivamente as chaves para a interpretação de uma obra. A partir de novas abordagens da linguagem (pragmática, teoria da enunciação, análise do discurso), que passaram a considerar mais enfaticamente a relação linguagem-sociedade, o texto deixou de ser mera organização linguística que “carrega” ou que “transmite” pensamentos, informações ou idéias de seu produtor. (ZAPPONE, 2005, p.153)

Considerando a *morte* do autor, com efeito, o leitor passa a ser determinante no processo de concretização de sentido do texto, pois cabe a ele a significação do objeto literário. Assim sendo, a constituição material do texto, o preto da tinta e o branco do papel, só se transforma em sentido quando alguém resolve lê-lo.

E, assim, os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num certo momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos (sejam eles literários ou não). (ZAPPONE, 2005, p.154)

Sociologicamente, como nos ensina Arnold Hauser, uma obra de arte não está absolutamente acabada quando sai da mão do artista, isso só ocorre quando a sua recepção e concretizada por parte do receptor. Por isso, é de suma importância averiguar em que fase a idéia do autor a começa a corresponder com as acepções do seu receptor.

Como percebemos, portanto, houve uma mudança na tradição do modo de perceber a constituição da literatura. Seguindo essas ideias, neste artigo, nos interessam as teorias que abordam o leitor e a sua importância para a concretização da literatura. Damos maior enfoque ao trabalho de Wolfgang Iser *O Ato da Leitura*,

Uma Teoria do Efeito Estético, contudo, nos valeremos de outros autores que abrodem o leitor e sua importância para a concretização do texto literário. Partindo desta perspectiva, pretendemos observar como o leitor pode ou não ser motivado a um horizonte de expectativa diante de uma obra literária. Nesse sentido, por exemplo, pretendemos observar as noções de período literário, os meios de circulação da obra, o estilo da escrita, o gênero literário entre outros aspectos importantes.

No caso do romance *A Santa do Cabaré, um Cordel Pós-moderno de Amor e Morte* de Moacir Japiassu traz em seu título a menção do período/movimento/escola/momento literário no qual ela se enquadraria (ou pretende ser enquadrada) e portanto, certamente, sugere para o leitor um rompimento com os conceitos de modernidade, o que faz com que esse leitor possa criar perspectivas diante dessa “santa pós-moderna”. Salientamos que temos em mente, para a argumentação neste trabalho, um leitor que traga em seu bojo de conhecimentos a noção de período literário e conceitos de modernidade ou pós-modernidade.

2- A TEORIA DO LEITOR E SEUS HORIZONTES, UM BREVE APANHADO

Wolfgang Iser, em sua obra *O Ato da Leitura*, afirma que a relação entre tema e horizonte leva à compreensão do texto e forma a estrutura que é central para os procedimentos de apreensão. Como estrutura principal das estratégias textuais, essa relação produz uma tensão que se constitui em uma série cada vez mais diferenciada de interações, para por fim emergir em uma terceira dimensão: a produção do objeto estético. Ou seja, o objeto da imaginação que o leitor deve produzir – por meio de esquemas deformados e desmentidos – é a indeterminação do objeto estético no texto que torna necessária para a sua apreensão na imaginação do leitor. A partir desse apontamento proposto por Iser, vemos que organização interna do texto é um sistema de perspectividade. No caso da literatura narrativa, são quatro as perspectivas através das quais os elementos são selecionados para permitir a compreensão do texto: a) a perspectiva do narrador, b) perspectiva das personagens, c) perspectiva da ação ou enredo e d) perspectiva da ficção marcada do leitor. Entretanto, nenhuma delas representa totalmente o objeto intencionado do texto, sendo que cada uma delas pode apresentar uma visão diferente de um objeto em comum. Assim, o objeto estético só

pode se constituir por meio de visões diferenciadas e o leitor deve produzi-lo a partir da orientação que os diferentes pontos de vista oferecem.

Segundo Iser (1996), a estrutura de tema e horizonte constitui a regra central para a combinação das perspectivas de representação, sendo que a intenção comunicativa do texto ficcional pode ser captada através dela. A partir de Wolfgang Iser, podemos compreender que a obra literária apresenta dois polos: o artístico e o estético.

O polo artístico constitui-se pelo texto criado pelo autor e o polo estético estabelece-se pela concretização produzida pelo leitor, pois a obra literária vai além do texto e só se realiza no processo da leitura. Sendo assim, “a concretização por sua vez não é livre das disposições do leitor, mesmo se tais disposições só se atualizam com as condições do texto. A obra literária se realiza na convergência do texto com o leitor” (ISER, 1996, p. 50). Consequentemente, a *Teoria do Efeito* de Iser ancora-se nas contribuições herdadas da fenomenologia, que nos ensina que o estudo da obra literária tem que se ater nas configurações do texto e, também, na sua apreensão.

Segundo Iser (1996), os textos contêm elementos de indeterminação, que não são, de forma alguma, defeitos na estrutura textual. Ao contrário disso, esses elementos formam a condição elementar para a comunicação do texto, pois são esses elementos de indeterminação que possibilitam que o leitor participe da obra preenchendo esses os espaços vazios da estrutura textual. Além desses espaços de indeterminação dos textos literários, os elementos de indeterminação apresentam instruções que guiam o leitor para a produção de sentido. No entanto, por não serem absolutas, as instruções não levam a um sentido único, mas a diferentes avaliações, de acordo com a vivência de cada leitor.

Ao refletir sobre a interação entre texto e leitor, Iser afirma que o que a promove é a assimetria, o não-idêntico; pois a diferença entre os repertórios do texto e do leitor consiste na primeira condição para a constituição do efeito. Essa assimetria opera como estimuladora de reações e, ao lado dela, é indispensável que haja um grau de estranheza (entre texto e leitor) para que as disposições dos receptores sejam afetadas. O estímulo para a comunicação consiste no não-dito. Em outras palavras, o que está dito no texto dialoga com o que não está dito para que o leitor possa constituir o significado. Dessa maneira, o efeito resulta da diferença entre o dito e o significado, ou seja: da dialética entre mostrar e encobrir. É nesse ponto que Iser aborda outro conceito muito importante para sua teoria: a estrutura de tema e horizonte.

A estrutura de tema e horizonte constitui a regra central para a combinação das perspectivas de representação; a intenção comunicativa do texto ficcional pode ser captada através dela. Sua força decisiva de mediação consiste em que a preferência do texto ao mundo se traduz na consciência receptiva de seus possíveis leitores. Um momento importante dessa mediação se mostra na “pré-seleção” do repertório escolhido [...] (ISER, 1996, p. 186)

Para Iser, a seleção provoca não apenas a despragmatização das normas que foram escolhidas dos sistemas correspondentes de referência, mas também produz qualificações diferentes dos elementos escolhidos, ao passo que estes se distribuem pelas perspectivas do texto, que se diferenciam segundo sua significação. Em face da perspectiva das figuras, é possível avaliar qual das premissas se origina da classificação dos elementos escolhidos do repertório. Em princípio, há duas possibilidades: as normas selecionadas são representadas pelo herói ou pelas personagens secundárias. Em ambos os casos, a pré-seleção do repertório produz consequências diferentes para a mudança de perspectiva de tema e horizonte. Vejamos o caso do herói de uma trama, por exemplo:

Se o herói representa as normas, estas em princípio, não chegam aos personagens secundários; se os personagens secundários representam as normas, em princípio o é o herói que possibilita a visão crítica do sistema de referência do texto. Pode-se dizer que, no primeiro caso, as normas são afirmadas, e no segundo, negadas. (ISER, 1996, p. 186)

Essa distribuição do repertório, do texto pelas perspectivas da representação, produz critérios que permitem avaliar a função correspondente dos elementos escolhidos. A mudança de perspectiva de tema e horizonte comprova a eficiência desses critérios e permite ao leitor produzir na consciência o contexto de referência através da mudança recíproca das normas apresentadas nos segmentos e formam modalizações que têm aspectos sistemáticos e históricos. Ao todo, são quatro modalizações centrais de subordinações das perspectivas textuais se mostram na literatura narrativa e dramática: as organizações contra-factual, opositiva, gradual e serial das perspectivas do texto.

A mudança de perspectiva de tema e horizonte, segundo Iser (1996), se atualiza conforme a redução das incertezas, esboçadas pelo próprio texto; daí se origina o contexto da referência das perspectivas. Desse modo, reduz-se a transformação das posições, que resulta da mudança das perspectivas, pois ela é em grande parte formulada pelo próprio texto. Não obstante, a estrutura de tema e

horizonte comprova também aqui sua validade como regra de combinação; ela se limita apenas a uma possibilidade bastante reduzida: imaginar-se algo como real, combinando as perspectivas, que o sistema de sentido da teologia calvinista exclui: a produção individual da dignidade da salvação.

A negação indica a norma, que se tornou tema, exclui forçosamente em vista de sua especificidade. Desse modo, as normas se transformam em negações recíprocas e ganham assim um contexto, que no sistema do qual foram selecionadas não podiam possuir. Esse contexto é o produto da mudança de perspectiva. À medida que o leitor produz esse contexto, ele próprio começa a despragmatizar as normas. Se isso sucede, então é possível para o leitor transcender o repertório de normas, pois agora ele vê o que este, enquanto função reguladora no contexto sociocultural, era capaz de reproduzir. A modalização opositiva das perspectivas do texto pode ser aproveitada para as intenções mais diferentes.

Cada formulação da realidade se insere no horizonte de sua possível mudança, de modo que a constituição social e psicológica das imagens da realidade emerge como o objeto estético desse romance; isso também nos mostra que captamos a realidade sempre através dessas imagens. As modalizações da subordinação gradual e serial das perspectivas do texto suspendem a orientação das relações características da estrutura opositiva. Tal estrutura determina também a construção das perspectivas textuais do *nouveau roman*. Se o leitor é obrigado a descobrir a origem perspectivística e as possíveis relações dessas frases, situadas em lugares diferentes, ele precisa abandonar as relações estabelecidas. Na mudança de tema e horizonte, ele deve submeter por isso suas referências a uma transformação serial.

A partir dessas postulações, caminhemos aos conceitos de modernidade e pós-modernidade, que acreditamos apresentarem-se como centrais para a leitura da obra a *Santa do Cabaré*.

3 - A PÓS-MODERNIDADE E O TEXTO LITERÁRIO

Desde a década de 1980, desenvolve-se um processo de construção de uma cultura em nível global. Não se trata da cultura de massa simplesnete, que estava consolidada desde os anos 60 do século XX. Assisitimos a constituição de um verdadeiro sistema cultural oriundo da globalização. É nesse cenário que a Pós-Modernidade emerge. Para alguns teóricos, ela é a face do aspecto cultural da sociedade pós-industrial, e se inscreve neste contexto como conjunto de valores que

norteiam a produção cultural contemporânea. Para esses estudiosos, a pós-modernidade apresenta entre as suas facetas, a multiplicidade, a fragmentação, a desreferencialização e a entropia que – com a aceitação de todos os estilos e estéticas – pretende – o abarcamento de todas as culturas, transformando-as em mercados consumidores. Seguindo esse roteiro, estabelece-se para a arte e literatura o modelo pós-industrial de produção, que privilegia serviços e informação sobre a produção material, a Comunicação e a Indústria Cultural ganham papéis fundamentais na difusão de valores e ideias do novo sistema.

Em relação ao texto literário, o Pós-modernismo dobre a sua aposta sobre a imitação em forma de *pastiche*, a montagem desconstrutivista, o enxerto, o recheio, a mímica, a metaficção autorreflexiva e autorreferencial. Assim, o Pós-modernismo multiplica as instâncias narradoras e se interessa mais pela leitura e pela recepção em detrimento da produção.

Ao falar sobre o Pós-modernismo, Hassan (1971) nos ensina que o Pós-modernismo é caracterizado pela configuração que segue a indeterminação, a fragmentação, a descanonização, a dessubstancialização do eu, o irrepresentável, a ironia, a hibridação, a carnavalização, a *performance*, a desconstrução e a imanência. Rybalka (1991) em concordância com Hassan caracteriza o pós-moderno com as seguintes afirmações: abertura, heterodoxo, pluralismo, não-seletividade, ecletismo, circularidade, acaso, contingência, duplicação e reduplicação [...], super-imposição, reciclagem e diferença. Por sua vez, Jean Baudrillard (1981) afirmava que a humanidade vivia em uma cultura na qual a televisão era o mundo, e que os indivíduos eram submetidos a uma torrente interminável de imagens, a um bombardeamento de signos sem profundidade ou fragmentos, que constituem um convite ao fascínio e à recusa de juízos morais. Nesse sentido, o homem vivia numa alucinação estética da realidade. Todavia, se a estetização da realidade é uma “tendência cultural dominante”, não há mais autonomia nas esferas culturais, que surgiam “mergulhadas num turbilhão de imagens ou intensidades multifrênicas”, como afirmava Jameson. Assim a humanidade assistiu à uma colonização pela estética das demais esferas da cultura.

A estética pós-moderna apresentava diferenças fundamentais em relação a tudo o que viera antes dela, incluindo todas as estéticas modernistas. Os próprios critérios base da estética moderna que se realizava pela busca do novo, da ruptura e da vanguarda são desconsiderados pelo Pós-Moderno. Assim, não era preciso inovar

nem ser original e a repetição de formas passadas é não apenas tolerada como encorajada.

4 - O PÓS-MODERNO D' A SANTA DO CABARÉ, DE MOACIR JAPIASSU

Moacir Japiassu, nas palavras de Auri Ribeiro (2005), em *A Santa do Cabaré*:

passa-nos, aos leitores mais sensíveis, a impressão de que a tarefa de escrever é fácil, fácil, completamente deliciosa, tamanha a leveza com que se percorrem as linhas do romance, embora se saiba que escrever um romance desse porte assemelha-se à tarefa de se edificar ma casa, tijolo por tijolo, conferindo forma e significado às palavras, entre os vãos e desvãos das frases, parágrafos e capítulos que compõem a trama. (RIBEIRO, 2005)

A trama acontece no final dos anos 30 e início dos anos 40 do século XX, no sertão brasileiro, girando em torno de Ladislau Cardoso, um “cangaceiro sanguinolento”, e de Vanda, uma moça de rara beleza que se prostitui no Cabaré de Sinhá Odete.

Ladislau que fora “*homem decente e trabalhador*”, segundo as próprias palavras do narrador, agora cangaceiro, tinha por hábito em suas ações fotografar a vítima no momento da execução. Quando criança Ladislau era chamado de menino Lalau, tímida criança, coroinha da igreja do padre Everardo Trigueiro e protegido do prefeito Sizenando Coelho.

Para explicar a história desse filho do sertão seria melhor dizer que ele sofreu uma rasteira da sorte, um rabo de aranha do destino. Rapaz sensível, filho único de uma viuva pobre, Ladislau Cardoso bateu cabeça durante anos, na esperança de um emprego decente. (...) Ladislau foi açougueiro, encanador e pedreiro, abriu fossas nas casas novas de Belo Jardim, Garanhuns, Rio Branco, num suado desassossego jamais apalacado, pois falecia-lhe aptidão para ganhar dinheiro, para subir na vida, apesar das suas e das orações maternas. Um dia, encantado com o trabalho de mestra Afonso, único fotógrafo daquela região sem memória, aprendeu a arte da revelação e em pouco tempo era ajudante, porém daí não passou. Nessa época o o médico e protetor Sizenando Coelho, esse agora prefeito nomeado pelo Interventor Agamenon Magalhães, deu-lhe de presente uma Kodak, máquina fotográfica tipo caixote; mais tarde, habilitado, Ladislau agarrou-se ao único emprego disponível em Belo Jardim, no limiar de 1939: fotógrafo oficial do necrotério público. (JAPIASSU, 2004, p.12)

Ladislau levava uma vida difícil como é própria do homem sertanejo, bem como do brasileiro de uma classe social menos abastada, levava uma vida dentro dos

ditames da lei, vivia as angústias do trabalhador brasileiro que tem poucas oportunidades na vida. No seu trabalho lhe cabia a função, que era a do fotógrafo oficial, de registrar a chegada dos cadáveres; “gente morta de fome, de tiro, de faca peixeira; homens mulheres, crianças, ‘anjinhos’, que são aqueles aos quais não se deu a oportunidade de experimentar as ruindades do mundo” (JAPIASSU, 2004, p. 12). Homem sensível que era Ladislau sentia o estômago revirar, entregou-se à bebida e muitas vezes anunciou “a demissão em caráter irrevogável”, o prefeito o acalmava: “Tem paciência, cabra, quando eu for pro Recife, ou Rio, se sair a nomeação que o Presidente Getúlio prometeu, eu te levo, mudo tua vida [...]”

Contudo, uma passagem foi dose forte demais para a sensibilidade de Ladislau:

Numa tarde de abril, chegou ao necrotério um soldado de polícia conduzindo pesado carrinho de mão. Instalado ali, deitado, braços pendentes, jazia alguém. Não trazia um fiapo de roupa sobre o corpo azulado; piranhas lhe haviam roído as plantas dos pés e a criatura mantinha os olhos horripantemente abertos. Tinha a descomunal barriga dos afogados. Apesar da quizila, Ladislau tentou cumprir sua missão e assestou a máquina na direção daquela fealdade. Então o legista, sem ao menos avisar, aproximou-se e riscou a barriga do afogado com o bisturi, num golpe de alto a baixo. Ladislau pulou para trás, mas não houve tempo de escapar: um rio esverdeado transbordou pelo corte e inundou-lhe as pernas até os joelhos. O salão foi tomado por prodigiosa fetidez de mil exumações. O fotógrafo deixou aquele inferno em desabalada e fedentina carreira, embrenhou-se na caatinga e na história do sertão, numa aventura de cangaço, paixões e morte. (JAPIASSU, 2004, p. 14)

A partir deste evento temos uma reviravolta na vida do infelizmente Ladislau Cardoso, surge o daí em diante o sanguinário cangaceiro que irá aterrorizar o sertão.

Vanda, misteriosa moça, que sendo a “atração maior” da pensão de Sinhá Odete era uso exclusivo do prefeito Sizenando Coelho:

Vanda, Vandinha, ia fazer 22. Rapariga empinada, morena clara e acetinada, lábios promissores, olhos verdes, rosto bem cuidado por loções, poções e hidratantes do estrangeiro que vinham das melhores lojas do Recife no avião do piloto Lenildo Tabosa. Sizenando amava-a. Aos olhos da paixão Vandinha era sua “querubina”, como a chamava nas tardes de amor na pensão de Sinhá Odete. Mulher fogosa, era porém “o cacho do prefeito” e todos os admiradores mantinham respeito e distância. (JAPIASSU, 2004, p. 26)

Vanda entrega-se ao mundo da prostituição por desilusão com o mundo e com a vida. Moça de família rica vivia na capital com seu pai engenheiro respeitado, funcionário público chamado de Doutor Meira, era o responsável Inspetoria Federal

de Obras Contra a Seca (IFOCS). Sua mãe, Dona Ruth, uma doce senhora, e seus dois irmãos crianças adoráveis.

De todas as atividades, desenvolvidas no cumprimento de suas atividades como prostituta Vanda só não aceitava que lhe pusessem a boca nas partes íntimas. O motivo de tal imposição ela revela em uma de suas manhãs com Sinhá Odete.

Não é fácil falar, choramingou. Faleciam palavras para descrever o que lhe assaltava a memória. Tinha 19 anos, via-se no almoço de domingo com a família; Deca, cozinheira de muitos anos, que ajudou criá-la e os dois irmãos menores (...) Depois do almoço, Dona Ruth e Deca tiraram a mesa, enfurnaram-se na cozinha; os meninos saíram com o saquinho de bolas de gude e Vanda armou a rede nos galhos do cajueiro que frondejava o quintal, abraçada a última edição de *Fon Fon*. Os poemas que a revista editava afagavam o coração da moça desejada por todos os homens da Torre, bairro de classe média a caminho de Tambaú, em João Pessoa. O rosto, o corpo insinuado pelo maiô, nas manhãs de domingo à beira-mar, despertava intenções. Depois do mergulho, a água escorria e afagava a penugem das coxas atordoantes, que agora, no regaço da rede, se entreabriam para a tarde. Desprevenida, na doce negligência que somente a própria casa inspira, ela adormeceu com os poemas dispostos sobre o peito. Leve, fresca brisa que trazia o cheiro adocicado dos cajus se transformou então num bafejo entrecortado.

Vanda escondeu de Odete e gostaria de sonegar a si mesma a sensação nunca esquecida de prazer pelo aquecimento repentino daquela aragem. A rede embalava-se, mãos acariciam suas coxas, arregaçavam mais e mais o vestido e alguma coisa parecida com uma ostra envolveu a ... “a castanha, a castanha!”, soprou-lhe a cafetina, que a abraçava, prendia-lhe a cabeça ao seio arfante. Sim, a castanha úmida, quente. Foi neste instante que a semi-adormecida despertou, num grito de canção de fogo. A grande cara escanhoadada, brilhante de suor, com a boca entreaberta e olhos de bêbado, emergiu das coxas que o puro reflexo procurava trancar num espasmo de horror. Ela reconheceu o pai. (JAPIASSU, 2004, p.130)

Ladislau e Vanda se conhecem por intermédio do próprio prefeito Sizenando Coelho, que usa a moça numa tentativa de emboscar Ladislau. Contudo, a moça se apaixonou pelo cangaceiro decide ficar com ele e levar a vida do cangaço, não faz o combinado com o prefeito e com as pessoas que querem a captura do rapaz. Essa decisão de Vanda faz com que Sizenando enlouqueça. O que posteriormente o leva a morte.

Ladislau morre vítima de um tiro disparado por Eleotério, que busca vingança para a morte do pai, a quem Ladislau mata impiedosamente e faz fotos, as quais distribui pela cidade. Vanda morre em um incêndio misterioso em seu quarto, todo o seu corpo é queimado, salvo seu rosto que fica intacto, muito parecido com o rosto de

uma santa segundo o povo da cidade que credita o fato a um milagre, há uma alusão desde o início da narrativa entre Vanda e Joana D'Arc.

Existe uma gama de personagens que tem seu grau de importância na trama, além destes já citados, porém por privações óbvias de um artigo e principalmente pela finalidade que pretendemos, apenas citaremos os seus nomes. É o caso de: Ararigbóia Delecródio rastreador encarregado da captura de Ladislau. Alberico Cruz pistoleiro vitimado por Delecródio em duelo. Noé Nunes, vice prefeito que assume o lugar de Sizenado. Vital Batalha, "homem mito" que inspirou a perseguição a Ladislau. Beato Cassiano, candidato a santo. Zé Delícia, "maricas" que suicidou-se cortando o próprio pênis. Doutor Lenildo, amigo de Noé Nunes, tradutor das obras de Saint-Exupéry que também é personagem na trama, bem como Marcel Proust. Tenente Graciliano Ramos. João Freire, radialista que embala a narrativa tocando melodias de amor da época na Rádio Recife. Belinha, moça que foi estuprada por Ladislau, e que mais tarde se casa com Eleotério. Eleotério, O Vingador, que motivado pelo prefeito e pelo padre matou Ladislau, acreditando que vingava a morte do pai. Muitas outras personagens aparecem na trama com funções menores, muitas personalidades da época aparecem no romance ganhando status de personagem, ou mesmo por citação do narrador é o caso do *Scarlet O'hara*, do filme *E o vento levou*, a quem a personagem *Noé Nunes* compara sua esposa pelo "gênio ruim".

Com muito ritmo, ação, poesia, cinema, música-onipresente, História, rádio (com programação, nome de locutor e de música), crítica social, perpassando todo o texto, que nos chama, sem maiores rodeios, ao ritmo frenético logo no primeiro capítulo, quando da chegada do repórter do Jornal do Comércio a Belo Jardim. Para Auri Ribeiro (2005), temos então um "romance-novela-teatro-cinema, que segura e prende ao enredo". Segundo Ribeiro, "a sensação é a de estar numa teia de diversas manifestações da arte, com o autor lançando mão de um brilhante recurso para desenvolver a ação". E os acontecimentos vêm em cadeia, de forma que nos sentimos amarrados a eles, presos.

E o final surpreendente nos espera, sabemos disso e vamos até lá, ansiosos, deslizando, passando de um quadro a outro sem que percebamos... quando vemos, já estamos em outro cenário, e voltamos àquele, sem que nos percamos, visto que o fio condutor entre os capítulos curtos é muito bem tecido. (RIBEIRO, 2005)

Auri Ribeiro (2005) diz ainda que a obra de Japiassu, "trata-se de uma obra de envergadura, que faz um mergulho certo em paragens áridas, onde se percebe a

delicadeza das intertextualidades, com a música, com a História, e com personagens emblemáticos, como é o caso de Exupéry e o Vasco da Gama, sem perder o doce ponto do humor, ingrediente essencial de *A Santa do Cabaré*”.

5- UMA LEITURA DO ENREDO DA SANTA DO CABARÉ, A LOUCURA DAS PERSONAGENS COMO UMA CONDIÇÃO DA PÓS-MODERNIDADE

Ernest Gellner debateu-se com o fenômeno do pós-modernismo, que ele vê como um movimento que é uma das principais orientações em debate na atualidade, no nível das grandes idéias. As outras segundo ele são: O fundamentalismo religioso e a razão, ou o fundamentalismo do Iluminismo. Em *Pós-modernismo, razão e religião*, de 1992, Gellner refere-se ao pós-modernismo da seguinte forma:

O pós-modernismo é um movimento contemporâneo. É forte e está na moda. E sobretudo, não é completamente claro o que diabo ele é. Na verdade, a claridade não se encontra entre os seus principais atributos. Ele não apenas falha em praticar a claridade mas em ocasiões até a repudia abertamente. A influência do movimento pode ser discernida na Antropologia, nos estudos literários, filosofia. As noções de que tudo é um "texto", que o material básico de textos, sociedades e quase tudo é significado, que significados estão aí para serem descodificados ou "desconstruídos", que a noção de realidade objectiva é suspeita - tudo isto parece ser parte da atmosfera, ou nevoeiro, no qual o pós-modernismo floresce, ou que o pós-modernismo ajuda a espalhar. O pós-modernismo parece ser claramente favorável ao relativismo, tanto quanto ele é capaz de claridade alguma, e hostil à ideia de uma verdade única, exclusiva, objectiva, externa ou transcendente. A verdade é ilusiva, polimorfa, íntima, subjectiva ... e provavelmente algumas outras coisas também. Simples é que ela não é. Tudo é significado e significado é tudo e a hermenêutica o seu profeta. Qualquer coisa que seja, é feita pelo significado conferido a ela. (GELLNER, 1992, p. 124)

Obviamente, a pós-modernidade não é compatível com os preceitos do Positivismo, que Gellner define como a crença na existência e a disponibilidade de fatos objetivos, e sobretudo da possibilidade de explicar os ditos fatos por meio de uma teoria objetiva e testável. Com o rompimento que a pós-modernidade propõe em relação à modernidade, faz com que se instaure um período de terror e caos, que ocasiona um mal estar psicológico, como se percebe nas personagens da *Santa do Cabaré*.

Os contrastes apontados por Gellner nas personagens de Moacir Japiassu, o que representa os contrastes que o sujeito “pós-moderno” enfrenta em sua constituição como tal. Tanto em Ladislau, moço pobre de pouca sorte na vida, mas de

sensibilidade e religiosidade aguçadas, na infância foi coroinha da igreja, como em Vanda moça de classe média, de grau de instrução que sua classe social pode lhe proporcionar. Vemos, desse modo, uma espécie de loucura que os levam aos fins “trágicos” na trama. É uma representação da descrição que Michel Rybalka faz do período pós-moderno, como sendo ele semelhante a um Janus de duas cabeças, tendo duas faces e uma personalidade múltipla, sem ensaio de sínteses ou de unidade. As personagens deparam-se enredadas num limiar de religiosidade, sexualidade, repressão mental, física e mora, do qual são incapazes de sair.

Segundo Eco (2009), a fim de prever o desenvolvimento de uma história, os leitores se voltam para sua própria experiência de vida ou seu conhecimento de outras histórias. Esse processo de fazer previsões “constitui um aspecto emocional necessário da leitura que coloca em jogo esperanças e medos, bem como a tensão resultante de nossa identificação com o destino das personagens” (ECO, 2009, p. 58). Nesse sentido, durante o processo de leitura da narrativa em questão, está em nosso horizonte tudo o que sabemos sobre os contornos da pós-modernidade e sobre o a loucura que parece ser uma marca desse período. Além disso, o fato de haver uma grande intertextualidade com o mundo real, com obras cinematográficas e musicais, o conhecimento dos contornos e limites entre modernidade e pós-modernidade, tem grande importância para a constituição do sentido e para a realização do efeito que o objeto estético poderá causar em seu público. Precisamos, desse modo, destacar mais um conceito muito importante na teoria do efeito: o conceito repertório.

O repertório de um texto, segundo Iser, consiste no que é familiar ao leitor, como os textos de outra época, o contexto sociocultural ou as normas sociais e históricas. Em outras palavras, o repertório é indispensável para que texto e leitor dialoguem entre si. Como apontávamos, no início deste texto, o conhecimento de conceitos sobre período/movimento/escola/momento literário, por parte do leitor, o instrumentalizam para a aceitação de uma obra que a princípio, não possui uma unidade de síntese. Ou, ainda mais grave, ou mais estranho ao leitor, para usar a definição dada por Rybalka, o leitor depara-se frente a texto desconstrucionista. O familiar que ele evoca não interessa por ser familiar, mas porque algo é intencionado com ele que resulta do seu uso ainda desconhecido. No caso da narrativa pós-moderna de Moacir Japiassu, seu repertório (a perda de direcionamento do sujeito na pós-modernidade) consiste no pano de fundo sobre o qual o leitor vai erigir o novo uso, do desconhecido, da novidade que o texto traz, por meio de suas estruturas e

das imagens que suscita na consciência receptiva do leitor. Esse desatino das personagens, que a princípio é uma criação do texto, faz com que a leitura traga elementos para a comunicação entre leitor e texto. O leitor, diante do texto de Japiassu, nesses tempos modernos, vê-se representado, pois são essas cobranças e frustrações que a sociedade submete ao indivíduo, o que o faz perder o senso de identidade.

Além de Ladislau e Vanda, temos quase todas as personagens do romance enredadas nessa teia de “esquizofrenia”. Percebamos o caso do prefeito Sizenando (casado) que ao perder sua paixão, uma prostituta, quarenta anos mais jovens do que ele; perde de tal forma a razão que causa uma catástrofe com um trem. Catástrofe que mata dezenas de pessoas. Depois morre vítima da própria loucura. Vejamos o caso do caixeiro viajante que depois da explosão do trem, sai correndo completamente nu, “corria de navalha na mão, dizendo que se chamava Ivete, “a mulher de Tambaú”. Rouanet (1987) se arrisca em fazer uma psicopatologização ao considerar, primeiro, o moderno essencialmente como contraditório. É na modernidade que Freud estabelece a conexão da repressão sexual com as enfermidades mentais.

Outro ponto marcante da obra de Iser, que apontamos nesse trabalho é a mudança de perspectiva de tema e horizonte. Ilustremos esse ponto com a constituição do herói na obra de Japiassu. Por exemplo, no princípio da narrativa, Ladislau Cardoso é o de herói da trama, representando as normas sociais, ou seja, é um homem nordestino seguidor das “leis de Deus e dos homens” e, no entanto, vê-se diante de um confronto com a sociedade e sua estrutura injusta, que lhe reserva um lugar de humilhação e sofrimento. Estas normas, em princípio, não chegam às personagens secundárias. No entanto, no momento em que Ladislau incorpora o cangaceiro: “bandido sanguinolento e fugitivo”, as personagens secundárias passam a representar as normas; desse modo é o herói que possibilita a visão crítica do sistema de referência do texto.

Nesse sentido, em relação às normas que o herói subverte, pode-se dizer que, no primeiro caso, as normas são afirmadas, e no segundo, negadas (ISER, 1996, p. 186). No caso de Vanda o efeito é o contrário, no princípio por ela ser prostituta ela representa a negação da norma, que é afirmada pela sociedade que “defende” a moral e os bons costumes. Após sua morte e sua santificação Vanda passa a representar a norma e passa ser ponto de referência para as personagens secundárias que fazem

romarias para poder se aproximar do altar que lhe foi erguido em um estádio de futebol. Essa distribuição do repertório do texto pelas perspectivas da representação produz critérios que permitem avaliar a função correspondente dos elementos escolhidos. A mudança de perspectiva de tema e horizonte comprova a eficiência desses critérios e permite ao leitor produzir na consciência o contexto de referência através da mudança recíproca das normas apresentadas nos segmentos.

A negação indica a norma, que se tornou tema, exclui forçosamente em vista de sua especificidade. Desse modo, as normas se transformam em negações recíprocas e ganham assim um contexto, que no sistema do qual foram selecionadas não podiam possuir. Esse contexto é o produto da mudança de perspectiva. À medida que o leitor produz esse contexto, ele próprio começa a despragmatizar as normas. Se isso sucede, então é possível para o leitor transcender o repertório de normas, pois agora ele vê o que este, enquanto função reguladora no contexto sociocultural, era capaz de reproduzir. A modalização opositiva das perspectivas do texto pode ser aproveitada para as intenções mais diferentes.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jameson (1991) aponta a imbricação entre as teorias do pós-modernismo e o que ele chama de generalizações sociológicas, que anunciaram um novo tipo de sociedade, mais conhecido pela alcunha "sociedade *pós-industrial*". Ele argumenta que "qualquer ponto de vista a respeito do pós-modernismo na cultura é ao mesmo tempo, necessariamente, uma posição política, implícita ou explícita, com respeito à natureza do capitalismo multinacional em nossos dias".

Vale observar que Perry Anderson, ao ser convidado a fazer a apresentação do livro de Jameson, terminou escrevendo o seu próprio *As Origens da Pós-modernidade* (1998), constituindo assim uma espécie de 'introdução' ao conceito. Neste livro, Anderson nos ensina que o Modernismo era tomado por imagens de máquinas industriais, enquanto que o *pós-modernismo* é usualmente tomado por máquinas de imagens, que se estabelecem por meio da televisão, do computador, da Internet e do *shopping center*. Nesse sentido, a Modernidade era marcada pela excessiva confiança na razão, nas grandes narrativas utópicas de transformação social e o desejo de aplicação mecânica de teorias abstratas à realidade. No caso da Pós-modernidade, segundo Jameson (1991), as novas máquinas podem se distinguir

dos velhos ícones futuristas de duas formas interligadas, pois – agora – todas as máquinas são fontes de reprodução e não de produção.

Nesse sentido, *A Santa do Cabaré* é uma representação em forma de prosa poética, de tristezas e alegrias, sentimento e loucuras vividas pelas personagens criadas por Japiassu que nada mais são do que a descrição que Gianni Vattino (2001) faz sobre o mundo e a quebra de esperança do homem nas promessas da modernidade:

a chamada "pós-modernidade" aparece como uma espécie de Renascimento dos ideais banidos e cassados por nossa modernidade racionalizadora. Esta modernidade teria terminado a partir do momento em que não podemos mais falar da história como algo de unitário e quando morre o mito do Progresso. É a emergência desses ideais que seria responsável por toda uma onda de comportamentos e de atitudes irracionais e desencantados em relação à política e pelo crescimento do ceticismo face aos valores fundamentais da modernidade. Estaríamos dando Adeus à modernidade, à Razão (Feyerabend) Quem acredita ainda que "todo real é racional e que todo real é racional"(Hegel)? Que esperança podemos depositar no projeto da Razão emancipada, quando sabemos que se financeiro submetido ao jogo cego do mercado? Como pode o homem ser feliz no interior da lógica do sistema, onde só tem valor o que funciona segundo previsões, onde seus desejos, suas paixões, necessidades e aspirações passam a ser racionalmente administrados e manipulados pela lógica da eficácia econômica que o reduz ao papel de simples consumidor". (VATTIMO, 2001, p. 210)

A partir destas observações podemos responder algumas de nossas próprias indagações no começo deste trabalho. A Pós-modernidade de fato existe. Ela está posta na nossa sociedade globalizada. Não podemos afirmar que seus efeitos sejam bons ou ruins, mas sem sombra de dúvidas ela existe, não fosse assim não estaríamos aqui discutindo afirmações e mais afirmações de autores das mais diversas áreas do conhecimento. A arte, como sempre fez em todas as épocas da história da humanidade tem retratado esse fato. Existem sim obras construídas nos moldes da Pós-modernidade, mais especificamente existem obras de boa qualidade constituídas nestes ditames, trouxemos como exemplo a *Santa do Cabaré, um cordel Pós-Moderno de Amor e Morte* de Moacir Japiassu que além, dos elementos que aqui comentamos, traz muitos outros aspectos que permitam a escrita não só de um artigo, mas de centenas deles. Mas, é preciso despir-se de preconceitos ao deparar-se com essas obras. Criou-se uma verdade em torno do Cânone Literário, se uma obra não está posta como pertencente a ele, esta não é digna de ser lida, ou pelo menos não

assumida. Assim obras e mais obras vagueiam a margem da mendicância e do esquecimento.

Aproveitando-nos da contribuição das correntes teóricas utilizadas nesse trabalho, buscamos compreender e adentrar no universo do texto, lendo as teias de insanidade que circundam a narrativa. Nesse sentido, as contribuições de Iser nos propiciaram mecanismos para uma boa leitura. Para usar uma noção de Umberto Eco, tivemos a oportunidade de percorrer alguns caminhos do bosque do romance *A Santa do Cabaré*, desse modo ver os trajetos que podemos seguir para constituir a imagem do objeto estético, uma vez que, como vimos, o leitor não é apenas um receptor passivo da criação artística do autor, mas, para que haja apreensão do texto, ele precisa participar da experiência estética.

Parafraseando Eco (1994), o leitor sela um acordo ficcional com o autor do texto, estabelecendo a suspensão da descrença; assim, o autor finge dizer a verdade e os leitores fingem que o que é narrado de fato aconteceu. pois, de fato, dentro do universo textual, aquele mundo realmente existe. Portanto, ao entrarmos nas estruturas do texto por meio da perspectiva do leitor implícito (o qual é se não uma das estratégias textuais) e da estrutura de tema e horizonte, podemos perceber a nós mesmos no momento da participação na constituição do objeto estético e do sentido, que só vem à tona se algo acontece no leitor durante o processo da leitura. Mas, para que todo esse percurso faça sentido, é indispensável que o texto apresente esses caminhos.

REFERÊNCIAS:

ANDERSON, P. *As Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUDRILLARD, A. *Sociedade de Consumo*. Lisboa. Edições 70. 1981.

COMPANON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Trad. C.P. Mourão, C. F. Santiago e E.D. Galery. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GELLNER, Ernest. *Pós-modernismo, razão e religião*. Trad. Susana Sousa e Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

HAUSER, Arnold. *Sociologia del arte. Sociologia del público*. Barcelona: Labor, 1977. v. 04.

HASSAN, Ihab, *The Dismemberment of Orpheu: Toward a Postmodern Literature*. 2. éd. Madison: University of Wisconsin Press, 1971

HABERMAS, Jürgen. *Modernidade versus Pós-modernidade*. ARTE EM REVISTA, ANO 5/ nº 7, 1983. <http://www.consciencia.org/modernidade-versus-pos-modernidade-jurgen-habermas>

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, volume I. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática. 1991.

JAPIASSU, Moacir. *A Santa do Cabaré, um cordel Pós-Moderno de Amor e Morte*. I Ed. São Paulo: Francis, 2004.

LIPOVESKY, Gilles, *Sedução, publicidade e pós-modernidade*. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 12 • junho 2000 • semestral.

LYOTARD, Jean-François. *Le postmoderne explique aux enfants: correspondance*. Paris: Galilée. 1986.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Olympio Editora. 1986.

RYBALKA, Michel: Washinton University, St. Louis. Texto de uma conferência feita em 12 de fevereiro de 1991 na Universidade de Michigan, Ann Arbor, em homenagem ao falecido Jean Carduner.

RODRIGUES AURI. *Resenha de "A Santa Do Cabaré"*, <http://www.comunique-se.com.br>. 2005.

VATTINO, V. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZAPPONE, M. H. Y. *Estética da Recepção*. In: Thomas Bonnici; Lúcia Osana Zolin. (Org.). *Teoria Literária: Abordagens Histórias e Tendências Contemporâneas*. 2 ed. MARINGÁ: EDUEM, 2005.

Capítulo 3

EDUCOMUNICAÇÃO, A MULTIMÍDIA, HIPERTEXTO E A HIPERMÍDIA NO ENSINO APRENDIZAGEM, COM, PARA E PELA MÍDIA

Ody Marcos Churkin

Edu Souza de Oliveira Júnior

Marcos Junior Churkin

EDUCOMUNICAÇÃO, A MULTIMÍDIA, HIPERTEXTO E A HIPERMÍDIA NO ENSINO APRENDIZAGEM, COM, PARA E PELA MÍDIA¹

Ody Marcos Churkin²

IFSP (odyfilosofia@gmail.com, ody.churkin@ifsp.edu.br)

Edu Souza de Oliveira Júnior³

MUST UNIVERSITY (edusorjgmail.com)

Marcos Junior Churkin⁴

SENAI-PR (raidenchur@gmail.com)

INTRODUÇÃO: Aplicar, compartilhar, ressignificar e personalizar a Educomunicação foi o motivo de se construir este papel. Após o período de isolamento social (MOREIRA et al, 2020) onde se exigiu o ensino remoto de forma açodada, como uma necessidade intransferível e improcrastinável da utilização das tecnologias de comunicação e informação (TICS) para dar continuidade ao ensino aprendizagem diante da contingência global, observou-se que houve um contato mais estreito (imperioso para os leigos, não obstante uma oportunidade de se demonstrar as *ciber* expertises e habilidades para os “preparados”) com tecnologias e com a conectividade. De alguma forma as metodologias ativas enredadas a ubiquidade da informação tornaram-se mais “compreendidas e receptivas”, (LEMOS, 2015) diga-se que não havia outra alternativa; embora já no período pré pandêmico foram promovidas e incentivadas, além do que, previstas e estampadas na BNCC (2017), no rol das competências da cultura digital. Dentro de cenário, o objetivo deste trabalho é descrever a utilização do jornal (HENKIN,2019) como apoio ao ensino aprendizagem no período pandêmico nas aulas remotas de filosofia no de 2020 em uma escola

¹ Trabalho apresentado no Seminário de Boas Práticas de Ensino e Aprendizagem (SBPEA) da Escola de Engenharia de Produção de Lorena (EEL) da USP.

² Mestre em Novas Tecnologias na Educação, pesquisador em metodologias ativas e mobile learning, palestrante, escritor e poeta. Professor no IFSP-SRQ.

³ Mestrando da Musty University, Flórida. Servidor Técnico do IFSP.

⁴ Estudante e pesquisador de Tecnologia da Informação - SENAI-PR.

pública da região metropolitana de Curitiba e na formação de professores em 2021 no Instituto Federal de São Paulo, campus de São Roque. Como objetivos específicos demonstrar o projeto Ler e Pensar (LEP, 2022) um projeto pedagógico e didático criado em 1999 voltado para a informação, formação e integração e participação de professores da rede pública do Brasil desenvolvido pela equipe de mídia e educação do jornal de Curitiba no Paraná Gazeta do Povo do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM); demonstrar e compartilhar os desdobramentos em sala de aula a partir das matérias de jornais, formações (cursos curta e longa duração), dicas pedagógica produtos e processos pedagógicos e projetos oferecidos pelo LEP em uma trilha metodológica de um relato de experiência, com um mote fenomenológico (MERLAU-PONTY,2018) seguindo traços bibliográficos e documentais em um viés qualitativo, uma tentativa complexa de se contribuir de alguma forma com a produção epistemológica vigente.

MÉTODO: Com apoio do *mobile learning* e do *Bring Your Own Device* (BYOD) (UNESCO,2014, p.72), ora em sincronia e ora em assincronia (LEMOS,2015) em ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e sintonia com a inovação com a formação oferecida pela, com e para a mídia, multimídia, hipertexto e a hipermídia (possibilidades e perspectivas da ubiquidade de opiniões, informações, conhecimentos e inteligências), para tal, foi utilizado as metodologias ativas (MORAN,2015) para ilustrar, ampliar, atualizar destacar conteúdos apresentados. Matérias de jornais com referenciais da BNCC (CITELLI, 2019 e 2020) apontados pela equipe pedagógica do LEP como um processo e ferramentas para se desenvolver epistemologia de forma holística, complexa e sistêmica. Processo pedagógico e didático (educomunicação com sala de invertida, gamificação, *storytelling*), ferramentas (TICS, internet), conteúdos, informação com mediação e curadoria do professor para tornar o estudante protagonista crítico na produção de conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: Observou-se no decorrer das atividades remotas distintas percepções a respeito de um conteúdo, com auxílio, curadoria e mediação do professor e com o material disponibilizados nas e pelas mídias aprende-se diferentes linguagens, as interpretações são trocadas sem intensão de se buscar a unanimidade, mas a efetivação da pluralidade, cidadania e empatia. Apreendeu-se e compreendeu-se que o jornal e suas matérias complementam, ilustram, permitem exemplos na construção produção de conhecimentos com situações inusitadas, a inspirar, intuir, explicar, revelar, contar, cantar, declamar, provocar, inquietar,

incomodar ou simplesmente apresentar: paisagens, *designs*, ecossistemas em tempo real ou não, desde uma notícia, reportagem, biografias, atividades, estudos de casos, investigações, fenômenos, enfim situações em diferentes ocasiões, ainda mais, estudantes possuem a alternativa de comentar (com o auxílio do professor) sobre o que se estampa nas “ páginas” de jornais (físicos ou virtuais) e são incentivados a criarem “ *links*” com os conteúdos, seja de forma (além) semântica, temporal e espacial. A lógica, a ética e até mesmo a legislação é contemplada, um exercício de se confirmar realidade e a verdade com imparcialidade e impessoalidade com o rigor científico, além da ludicidade. Para o professor uma forma de acolhimento, reconhecimento e pertencimento ao um novo momento em uma formação de um novo paradigma, pois há formação e informação, possibilidades de conversar, trocar experiências em um espaço diferenciado, na conectividade e ubiquidade da informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Vivencia-se a formação de um novo paradigma onde as TICS e a internet são marcos civilizatórios, o mundo analógico dá espaço ao mundo virtual, eis o século da informação imediata, diante deste fenômeno os estudantes são incentivados a tornarem-se protagonistas de seus conhecimentos com empatia e cooperação, sendo os aprendizados levados para além dos muros escolares e para ao longo da vida, seja de forma presencial, virtual, seja síncrona e assíncrona. As instituições como o GRPCOM, “adentram” aos muros educacionais para construir parcerias e fazer diferença na educação, na liberdade de expressão, seja na produção de conhecimentos, formação contínua de professores, criação de grupos para trocas de experiências e aprendizados, além de se proporcionar momentos de audições para os docentes, uma forma de dar voz aos profissionais da educação, além do que, auxiliarem na produção de processos e métodos com as mídias no universo da cibercultura, do ecossistema virtual e digital, participarem da ressignificação da presença e das participações. Novos processos, novos instrumentos e ferramentas, novos métodos e metodologias, novos momentos e a constante transformação sem perder de vistas a humanização, a cidadania, diversidade, inclusão, sustentabilidade e empreendedorismo. Eis a Era da Informação Imediata.

Palavras-chave: Educomunicação, Conectividade, Mídias, Jornalismo/Educação, TICS.

REFERÊNCIAS

CENTRO DE INOVAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA. CIEB: **Como o mercado de tecnologias educacionais se relaciona com a rede pública de ensino**: uma radiografia da interação entre os dois setores e dos caminhos para aproximá-los. São Paulo: CIEB, 2021. E-book em pdf.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 31 jul. 2022.

CITELLI, A. **Comunicação e educação**: as pontes da linguagem. Revista Comunicação, mídia e consumo. São Paulo: ESPM, 2019.

CITELLI, A. (org.). **Inter-relações comunicação e educação no contexto do ensino básico** [recurso eletrônico]. – São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/mecom/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

HENKIN, Natalia Duzzo. **Jornalismo e educação: uma análise do portal NexoEdu**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LER E PENSAR 2022 ESTÁ EM BUSCA DE PROFESSORES TRANSFORMADORES (LEP). Gazeta do Povo. Paraná. 01/06/2022. Educação e Mídia. Disponível em < <https://www.gazetadopovo.com.br/ler-e-pensar/ler-e-pensar-2022-esta-em-busca-de-professores-transformadores/> >. Acesso em: 31/07/2022.

MORAN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: Carlos, A. S. Ofelia, E. T. M. et al Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. PG: Foca FotoPROEX/UEPG, 2015. Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf . Acesso em: 25 jul. 2022.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 5- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.5585/dialogia.n34.17123>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=dialogia&page=article&op=view&path%5B%5D=17123&path%5B%5D=8228>. Acesso em: 23 mar. 2022.

SOARES, I. de O. **Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil**. Comunicação & Educação, [S. l.], v. 23, n.

1, p. 7-24, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v23i1p7-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/144832>. Acesso em: 31 jul. 2022.

UNESCO. **O Futuro da aprendizagem móvel**: implicações para planejadores e gestores de políticas. Brasília, 2014.

Capítulo 4

A IMPORTÂNCIA DA MATEMÁTICA NA INCLUSÃO ESCOLAR

Alhandra do Amaral Pacheco

A IMPORTÂNCIA DA MATEMÁTICA NA INCLUSÃO ESCOLAR

Alhandra do Amaral Pacheco

Soraalhandra@gmail.com

Palavras-chave: Anos iniciais. Matemática. Inclusão. Educação

INTRODUÇÃO

Os anos iniciais da escolaridade tem grande importância para a vida do educando, pois formam uma base para as demais séries, principalmente quanto aos conceitos e relações em Matemática, que serão utilizadas posteriormente, ao longo de sua vida escolar. Quando uma criança chega à escola, deve-se respeitar o desenvolvimento dela, visto que ela traz consigo toda uma vivência, desenvolvida através de suas experiências do dia-dia, muitas destas vem de brincadeiras e do envolvimento com o meio que vive.

Segundo Nascimento (2007):

Considerar a infância na escola é grande desafio para o ensino fundamental, pressupõe considerar o universo lúdico, os jogos e as brincadeiras como prioridade, definir caminhos pedagógicos nos tempos e espaços da sala de aula que favoreçam o encontro da cultura infantil... (NASCIMENTO, 2007, p.30).

Desta forma precisamos pensar em abordagens a partir desse lúdico, pois nessa abordagem há várias vantagens para incentivar a aprendizagem nos anos iniciais, e permite utilizarmos materiais que possam auxiliar na construção do conhecimento dos alunos.

Em observações feitas ao longo do retorno das aulas nesse semestre, como Pedagoga, observei as dificuldades apresentadas pelo aluno(x) com diagnóstico de Deficiência Intelectual na aprendizagem de conceitos abstratos. e em focar a atenção; a metodologia usualmente aplicada à matemática trata-a como uma ciência hipotética-dedutiva, o que exige das crianças um nível de abstração e 2 formalização acima de

sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP),¹ impedindo que cheguem ao resultado desejado.

METODOLOGIA

O aluno não tinha conhecimento da matemática, apresentei materiais onde encontramos o conceito de números e quantidades. Hoje percebo que teve pequenos avanços em relação a alfabetização na matemática. Apresento alguns trabalhos realizados sobre a aula:



Ao utilizarmos materiais manipuláveis como números concretos, materiais não estruturado e pecinhas estamos auxiliando os alunos a estabelecerem noções iniciais de quantidade, maior e menor, e outras classificações, além de facilitar a compreensão e desenvolver com mais concretude o raciocínio matemático, pois nesse contato com os materiais, a manipulação poderá originar novos conhecimentos por intermédio das hipóteses alcançadas. O uso dos materiais manipuláveis pode ser encontrado no estudo de alguns dos pesquisadores como Piaget, Maria Montessori, dentre outros. Para esses autores, a transição para o abstrato requer um conhecimento antecedente da área concreta. Conforme Dante (2005), “devemos criar oportunidades para as crianças usarem materiais manipulativos [...], a abstração de ideias tem sua origem na manipulação e atividades mentais a ela associadas” (DANTE, 2005, p. 60).

CONSIDERAÇÕES

Definimos Alfabetização Matemática como o ato de aprender a ler e a escrever a linguagem Matemática, isto é, compreender e interpretar os sinais, signos e

símbolos que representam as ideias básicas para o domínio da disciplina, bem como se expressar por meio das mesmas.

Entendemos que o processo de alfabetização em Matemática é tarefa das series iniciais quando o aluno tem seus primeiros contatos com a Matemática escolarizada e deve ser um processo intrínseco a alfabetização na língua ordinária, afinal, tanto uma, quanto a outra são ferramentas fundamentais para a compreensão da realidade. A partir destas considerações defendemos um processo de alfabetização em Matemática pautado na contextualização. Trata-se de dar sentido à aprendizagem situando o conhecimento matemático no contexto de sua aplicação, no contexto histórico de sua construção e de envolver o aluno na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

DANTE, Luiz Roberto. Didática da resolução de problemas de Matemática. 12. ed. São Paulo: Ática, 2005.

GUIMARÃES, Arthur. A inclusão que funciona. Nova Escola: a revista do professor, São Paulo, ano XVIII, n. 165, p. 42-47, set. 2003.

NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. In: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica- Ensino Fundamental de Nove Anos. Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2.ed. Brasília – 2007.

Capítulo 5

ETAPAS DO MÉTODO CIENTÍFICO COM O HOMEM ARANHA: DIDÁTICA, CIÊNCIA E DESENHO ANIMADO NO ENSINO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA

Ody Marcos Churkin
Marcos Júnior Churkin

ETAPAS DO MÉTODO CIENTÍFICO COM O HOMEM ARANHA: DIDÁTICA, CIÊNCIA E DESENHO ANIMADO NO ENSINO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA⁵

Ody Marcos Churkin⁶

IFSP (odyfilosofia@gmail.com)

Marcos Júnior Churkin⁷

SENAI-PR (raidenchur@gmail.com)

INTRODUÇÃO: A construção deste relato de um estudo de caso (YN,2014) surgiu na sala de professores do Instituto Federal de São Paulo, campus de São Roque (IFSP-SRQ) no ensino superior nos cursos de Licenciatura de Ciências Biológicas (LCB) e Tecnologia em Gestão Ambiental (TGA) com a audição de depoimentos de inquietações e incômodos dos professores de Metodologia do Trabalho Científico (MTC) e de Evolução (EV) no retorno ao ensino presencial nos meados do ano de 2022, após dois anos em isolamento social com ensino aprendizagem de forma remota; os docentes ansiavam em oferecer acolhimento, empoderamento, engajamento e participação (protagonismo estudantil) nas atividades acadêmicas dos discentes no momento da volta as aulas onde pairava ainda um clima de medo e insegurança. Em um tentativa de incrementar a didática com a intensão de tornar as aulas mais atrativas a docente de EV indicou (intuiu) o filme Método Científico – Homem Aranha da Marvel Comics (2017) de Stan Lee e Steve Ditko com uma forma de incentivo ou auxílio, ou melhor, uma possibilidade ontológica afetiva (SILVA;SOUZA,2022) e psicológica (MAHONEY,2000) de aprendizagem e aproximação com o intuito de instigar, informar, inspirar, ensinar e entreter os discentes, até mesmo encantar com o encenar proporcionado pela arte

⁵ Trabalho apresentado no Seminário de Boas Práticas de Ensino e Aprendizagem (SBPEA) da Escola de Engenharia de Produção de Lorena (EEL) da USP.

⁶ Mestre em Novas Tecnologias na Educação, pesquisador em metodologias ativas e mobile learning, palestrante, escritor e poeta. Professor no IFSP-SRQ.

⁷ Estudante e pesquisador de Tecnologia da Informação -SENAI-PR.

(VIGOTSKI,1999,p.25), em especial a cinematográfica, com a apresentação do conteúdo previsto e planejado entrelaçado à a ficção científica (PIASSI, 2007, p. 21) e com a significação qualitativa e percepção dos sentidos de Dewey (2010, p.352).

MÉTODO: Para a construção deste estudo de caso buscou-se um olhar na inovação, no olhar holístico sistêmico e complexo, para tal com auxílio da teoria de Yn (2014) e nos ensinamentos (conselhos) do professor Pedro Demo (2021), diz que na segunda década do século XXI urge que o professor seja autor, cientista e pesquisador, para que prepare futuros autores, cientistas e pesquisadores; além de uma trilha qualitativa bibliográfica e documental, ainda a participação do professor autor-atuante que vezes descreve, relata e encena no palco de ações e faz parte do elenco de atores, onde “todos” são protagonistas (DEMO,2004) e (DEMO, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÕES: A exibição do filme (desenho animado) originário das histórias em quadrinhos a priori ocorreu com a normalidade de mais uma exibição em sala com a relação de algum conteúdo, mas no decorrer da apresentação foi possível identificar expressões de surpresa, diga-se até mesmo de espanto, algo instigante e intrigante “mais do que mera possibilidade de um recurso didático inovador para a sala de aula, a ficção científica parece trazer consigo a expressão de concepções em relação a conceitos e leis científicas, à atividade científica, à natureza da ciência e sua relação com a sociedade” (PIASSI,2017, p.21). A possibilidade de se aprender um conteúdo por meio do cinema, da sétima arte é uma forma de catarse contemporânea, uma descoberta pessoal e coletiva. “A aprendizagem por descoberta apresenta-se ao aprendiz de forma mais ou menos final e com recurso expositivo e o conteúdo principal daquilo que o mesmo deve aprender” (NEVES, 2017, p. 721). Posteriormente muitos questionamentos, um deles: Por que a “Marvel (2017)” produziu este filme? Qual [e o propósito de se explicar sobre as cinco etapas do método científico? O aluno que aprende deve reorganizar um conjunto de informações e integrá-las ao conhecimento que já possui para resolver problemas. (NEVES, 2017, p. 721). Eis uma forma de res-significar o aprendizado de algo, “Aprendizagem significativa é aquela em que o significado do novo conhecimento vem da interação com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do aprendiz com um certo grau de estabilidade e diferenciação (MOREIRA, 2016, p.31)”. Ainda mais com a conectividade, sincronia e assincronia “A

contemporaneidade é fortemente marcada pelo desenvolvimento tecnológico. Tanto a computação quanto as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) estão cada vez mais presentes na vida de todos, não somente nos escritórios ou nas escolas, mas nos nossos bolsos, nas cozinhas, nos automóveis, nas roupas etc” (BNCC,2019, p 473). “É necessário tomar por base não o autor e o espectador, mas a própria arte. É verdade que, por si só, ela não é, de modo algum, objeto da psicologia, e nela o psiquismo como tal não é dado” (VIGOTSKI,1999, p.25). Uma contribuição para a inovação e para o PROGRAMA ESCOLAS 2030 em que o IFSP-SRQ participa, além do que, fita em um “aprendizado além dos muros da escola e ao longo da vida, enfocando a formação do cidadão com pensamento crítico e com autonomia para a tomada de decisões que o impulsionem para uma vida digna e para uma sociedade mais equitativa e menos desigual” (BRASIL,2022, p.16). Acredita-se que produções pontuais, aulas diferenciadas com aprendizado significativo, a partir de microcosmos venha somar para um movimento educacional transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Para inovar não é necessário grandes movimentos ou grandes obras, mas pequeninas mudanças ou inserções significativas como poucos minutos de um desenho animado com inúmeras informações e linguagens, designs e estéticas, repleto de sentidos e expressões, intuições e inspirações, de forma multidisciplinar, sendo sim, os resultados grandiosos, uma transformação hercúlea no pensamento, no modo de agir, sentir e comportar-se em relação a produção epistemológica acompanhada de versatilidade e criatividade.

Palavras-chave: Aprendizado Significativo, Desenho Animado, Homem Aranha, Metodologia Científica, Ficção Científica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Base Nacional Curricular Comum**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 15 ago de 2022

BRASIL. **Marco Zero** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia De São Roque. Programa Escola 2030 da UNESCO 2022. Disponível em

http://srq.ifsp.edu.br/attachments/article/1410/marco_zero.pdf . Acesso em 15 ago 2022.

DEMO, P. Pesquisa participante – Saber pensar e intervir juntos. Brasília: LiberLivro, 2004.

DEMO, P. **Formação de professores básicos na universidade**: indicações preliminares de um adestramento obsoleto. Revista Internacional de Pesquisa em Didática das Ciências e Matemática, [S. l.], v. 2, p. e021015, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/revin/article/view/551>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Introdução**. In: **Henri Wallon – Psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.

MARVEL Homem-Aranha Episódio 1, Observação. 3,27
<https://www.youtube.com/watch?v=pRmJAsZy8Tg>

MARVEL Homem-Aranha, Episódio 2, Hipótese. 4,19
<https://www.youtube.com/watch?v=54nm647C374>

MARVEL Homem-Aranha, Episódio 3, Profecia. 3,24
<https://www.youtube.com/watch?v=cx3zJBdlazE>

MARVEL Homem-Aranha, Episódio 4, Experimento. 4,39
<https://www.youtube.com/watch?v=FjYMYfZIUFY>

MARVEL Homem-Aranha, Episódio 5, Conclusão. 4,20
<https://www.youtube.com/watch?v=1D6gtaEQMrA>

MOREIRA, Marco A. **A Teoria da aprendizagem Significativa Subsídios Teóricos para o Professor Pesquisador em Ensino de Ciências**. Porto Alegre, Brasil, 2016

PIASSI, Luis Paulo de Carvalho. **Contatos**: a ficção científica no ensino de ciências em um contexto sociocultural. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SILVA, D. N. da .; SOUZA LIMA BASTOS , L. de C. A afetividade no processo de ensino-aprendizagem: contributos da teoria de Henri Wallon. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 14, n. Esp, p. 605–620, 2022. DOI: 10.28998/2175-6600.2022v14nEsp605-620. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12719>. Acesso em: 15 ago. 2022.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.

Capítulo 6

**O DESPERTAR DO LÚDICO: O USO DOS
GAMES NA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA NOS
QUARTOS ANOS**

Suelen Borges Loth Correa

Gisele Morales

O DESPERTAR DO LÚDICO: O USO DOS GAMES NA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA NOS QUARTOS ANOS

Suelen Borges Loth Correa

*Cientista Social pela UFPEL, Pedagoga pela Uninter, Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Censupeg, Orientadora, Gestora e Supervisora Educacional pela Censupeg, Professora nos anos iniciais na escola Municipal de Pelotas - RS/ Doutor Joaquim Assumpção, Supervisora do PIBID/ Pedagogia-Núcleo Ciências e Matemática (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), Mestranda em Educação pela UFPEL- suelenbloth@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-0779-139x>*

Gisele Morales

*Pedagoga graduada pela UFPEL, pós graduada em Educação Brasileira pela FURG. Professora anos iniciais da escola Municipal de Pelotas - RS/ Doutor Joaquim Assumpção, Orientadora Educacional da E.M.E.F. Olavo Bilac – no município de Rio Grande - RS. Pós graduada em Orientação Educacional / Portal Missões. Mestranda em Educação Matemática pela UFPEL - ppegedumat. giselemorales20@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4537-5426>*

Palavras-chave: Games; Anos iniciais; Matemática; Lúdico.

INTRODUÇÃO

Como os jogos digitais trabalham com a ludicidade, a brincadeira, o ato de jogar, seria o suporte ideal que precisamos, para despertar no aluno o interesse pela disciplina de matemática nos anos iniciais, um complemento no ato de alfabetizar, principalmente na modalidade do ensino remoto, para Ramos e Cruz(2021; p.16) “Nessa perspectiva, os desafios da abordagem de educação remota criaram demandas urgentes de adaptação, na qual os professores tiveram que

repentinamente mudar os canais de comunicação e mediação com os alunos, explorar diferentes recursos e materiais”. Desse modo o professor procura trazer para a escola os jogos virtuais, adaptando-se a esse novo formato de educação, o ensino remoto, colocando em suas aulas de matemática, mais ludicidade, tirando o mito da disciplina de matemática como uma disciplina vilã nos bancos escolares, para uma disciplina que se pode aprender jogando.

A ludicidade dos jogos digitais está sendo de grande ajuda para a disciplina de matemática nessa abordagem remota, porque segundo Ramos e Cruz

[..] os jogos digitais, para além de contextualizarem, abordarem e criarem situações para aplicação de conhecimentos e exercício de habilidades, proporcionam experiências divertidas. As crianças e jovens sentem-se atraídos porque são desafiados, buscam atingir objetivos, obtêm recompensas, fazem conquistas e se sentem capazes de realizar coisas. (RAMOS; CRUZ, 2021, p.17).

Por esses alunos fazerem parte da nova geração, nascem no auge da tecnologia, podem desenvolver muitas habilidades na escola com a ajuda das Tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), todavia, aliam tecnologia digital com a educação, no entender de Kenski (2012, p. 15) “Desde o início dos tempos, o domínio de determinados tipos de tecnologias, assim como o domínio de certas informações, distingue os seres humanos. Tecnologia é poder.” A tecnologia é o que move o mundo, mas desde o início dos tempos ela comanda os avanços, desde a construção de ferramentas para o trabalho, que facilitou a vida do homem em outros períodos da história.

Os objetivos dessa experiência são a base para a elaboração das atividades propostas:

Objetivo geral:

Desenvolver e analisar o uso dos jogos digitais como facilitadores da aprendizagem na escola dos anos iniciais.

Objetivos específicos:

Investigar o uso das tecnologias digitais da informação - jogos digitais como motivador da aprendizagem matemática na escola;

Identificar os jogos digitais como proposta metodológica permitindo que alunos dos anos iniciais intensifiquem suas habilidades e competências na disciplina de matemática. Como pergunta motivadora:

Como aplicar os jogos digitais para desenvolver a disciplina de matemática, como um recurso lúdico na aprendizagem dos alunos, dentro de uma abordagem motivadora nos anos iniciais?

Segundo Silva (2020, p. 38) “O aluno precisará ser protagonista do seu aprendizado.” Com o uso dos games digitais ele passa por esse processo de sala invertida⁸, produzindo também sua formação, possibilitando a modificação do aprendiz, mediante as tecnologias inovadoras que deram luz ao processo de educação em tempos de pandemia.

Esse trabalho tem como importância os games, como um sistema virtual que articula saberes, dependendo da direção que é proposta, porque o jogador necessita desenvolver habilidades, ele tem que ter a atitude para criar, falhar e se reorganizar perante o jogo, reiniciando a aprendizagem a cada momento, através de várias tentativas de falhar e desacertos, para terminar com êxito o final desejado, dando uma certa noção de prazer ao final. Assim contempla Silva (2020, p.43) “A utilização dos jogos e dos games na educação deve ter como objetivo principal manter o interesse e o engajamento dos participantes mesmo que se tenham grandes desafios durante a prática.” E a matemática é uma disciplina de grande desafio para todos os estudantes, e nada como vivenciar uma prática de games para mostrar o quanto a educação matemática se preocupa com a forma que o aluno receberá a informação, assim fazendo um parâmetro entre a matemática e os games, ambos como desafios que os alunos necessitam superar.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Para delimitar os passos da experiência, utilizamos Minayo (2002; p. 16), que destaca que “a metodologia significa o caminho do pensamento é a prática exercida na abordagem da realidade.” Desse modo, fizemos uma proposta que viabilizasse a realidade do momento, o uso das Tecnologias, as TDIC.

⁸ Designa-se aula invertida porque inverte a lógica de organização da sala de aula. Com ela, os alunos aprendem o conteúdo em suas próprias casas utilizando Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), por meio de videoaulas ou outros recursos interativos, como jogos de computador, textos, vídeos ou outro conteúdo adicional para estudo. https://pt.wikipedia.org/wiki/Aula_invertida Acesso: 29 de out. de 2021.

Essa experiência está sendo desenvolvida em 2 turmas dos quartos anos da escola Municipal Doutor Joaquim Assumpção, situada no centro da cidade de Pelotas - RS.

As tecnologias estão por todo o lado, o avanço tecnológico é iminente nos dias atuais, com a pandemia do Covi-19, tivemos que aprender a mexer nas tecnologias de uma maneira recorde, para enviar as atividades para nossos alunos, para não se dispersarem da escola, mesmo sem poder participar dela presencialmente. Assim, conforme Lévy (2010, p. 145) “Construir uma classe significa estabelecer limites. E nenhuma fronteira existe a priori.” Perante essa observação do autor, a sala de aula em tempos de Pandemia, com o reforço das tecnologias podem ocorrer em qualquer lugar, exterior ou interior de uma escola, e dessa forma que ela se condiciona no momento de hoje, virtualmente.

A temática teve como premissa o momento que foram enviados para as escolas do município pela Mantenedora, o DOM (Documento Orientador Municipal que se utiliza da BNCC (A Base Nacional Comum Curricular), para que através desse documento, possamos elencar a base de conhecimentos necessários para os alunos desenvolverem habilidades e competências ao longo do ano/série que estão inseridos.

Observamos que poderíamos inserir nos planos de aula de abordagem remota, jogos, games dos mais variados. Que poderiam ser abertos nos seus celulares ou *tablets*, porque muitas famílias relataram dificuldades dos seus filhos em compreender as atividades sem a explicação da professora, assim utilizamos a plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube*, para primeiramente auxiliar e trabalhar a ideia de conceito.

Após eles assistirem os vídeos, utilizamos o aplicativo de jogos, *Wordwall*, uma plataforma educativa, específica para alunos e professores, fácil de entrar e concluir as atividades propostas, que tem uma gama de atividades prontas, nela também aprendemos a construirmos jogos dos mais variados, por hora, viabilizando nossas aulas remotas na escola.

Muitos alunos tiveram um retorno positivo das atividades, e durante essa etapa foi feito uma coleta de dados, com um formulário do Google. Através da enquete com as duas turmas dos quartos anos que atuamos. Após quatro semanas de trabalho com os jogos digitais da plataforma *Wordwall*, enviamos um o Formulário do Google

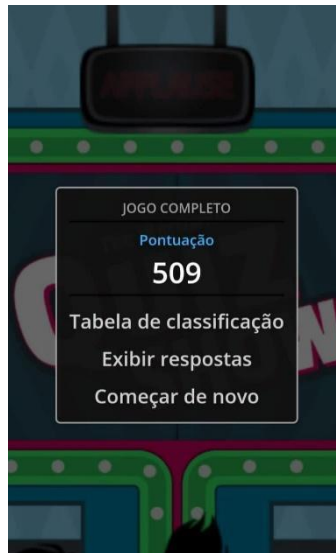
através do *WhatsApp*, para se ter uma ideia se a implantação dos games estão sendo apreciados pelos alunos.

Através das respostas do formulário, destacamos que os games estão sendo uma alternativa de atividade muito positiva com os alunos. Dezoito alunos responderam ao questionário, sendo que dezessete gostam de jogos; dezoito gostam de aprender brincando, desses, oito alunos gostam de jogos variados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos observar que durante a experiência do uso dos games, os alunos estão mais incentivados a fazer as atividades, eles são uma geração da tecnologia. Esse cenário que as escolas mudaram de ambiente, porque complementando sendo assim, uma geração que não sabe mais viver sem internet, onde as redes se prolongam em todos os lares e ambientes, onde o virtual ultrapassa paredes, indiferente de classe e idade. Assim, os games são uma maneira de entretenimento muito popular entre públicos de todas as faixas etárias. Exemplos de respostas feitas pelos alunos após concluírem os jogos.

Figura 1 – Pontuação do aluno P. 2021



Fonte: Acervo da autora

Figura 2 – Pontuação do Aluno G. e Silva 2021

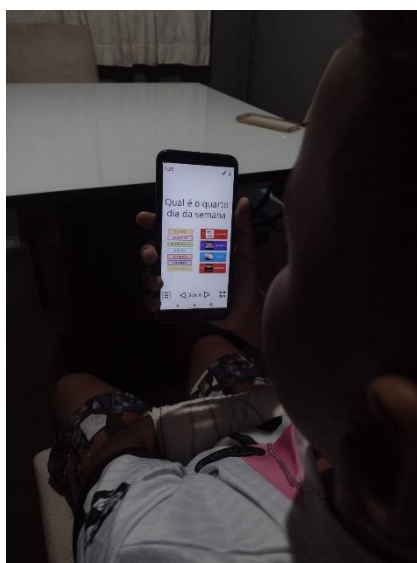


Fonte: acervo da autora

Nessas figuras 1 e 2, pode-se observar que os jogos trabalham vários conteúdos como: escore, pontuação fracionada, medidas de tempo, numeração natural, como a atividade do jogo em si, evidenciando que abrange mais conteúdos que a própria proposta do jogo.

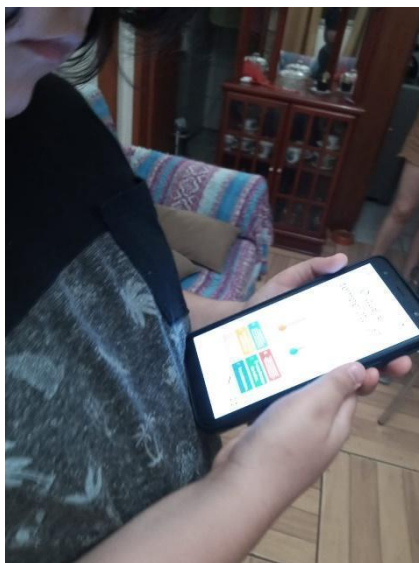
Fotos dos alunos das turmas, A4A, A4B, fazendo as atividades em seus celulares:

Figura 3 – aluno A. Mello jogando no celular o jogo digital



Fonte: Acervo da autora

Figura 4 - aluno G. e Silva jogando o jogo digital



Fonte: Acervo da autora

Figura 5 – aluno G. da Rosa jogando o jogo digital no celular



Fonte: acervo da autora

Observando as figuras 3, 4 e 5, os games são uma ótima alternativa nas atividades “remotas”, podendo se pensar na inclusão dos games, quando retornar o presencial, como atividades extra classe ou aulas de reforço. Acrescentando Ramos e Cruz (2021) “[...] que a adaptação dos professores ao sistema remoto, serviu para explorar diferentes materiais, para no futuro incluí-los nas aulas presenciais.”

CONCLUSÃO

Contudo, em nosso trabalho, podemos observar que durante a experiência do uso dos games, os alunos sentem-se incentivados a fazerem as atividades, porque se identificam, dentro de uma geração tecnológica, uma geração de Nativos Digitais que segundo Palfrey (2011, p. 14) estão constantemente conectados, e nós que somos imigrantes digitais temos que acompanhar essas mudanças.

Em suma, encontramos um outro cenário, para podermos desenvolver nossos planos. As escolas mudaram de ambiente, para dentro das casas, onde as redes passaram a se prolongar para todos os lares e ambientes, diante dessa nova definição de espaço escolar, estamos conseguindo passar nossos conteúdos no formato digital, ampliando assim a Educação de um modelo tradicional para o digital. Após essa pandemia a escola não será a mesma que antes, complementamos, a escola está dando grandes passos para o futuro.

REFERÊNCIAS

KENSKI, Vani Moreira. educação e tecnologias: O novo ritmo da informação/Vani moreira Kenski – 8ª ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012 – (coleção Papirus Educação).

LÉVY, Pierre. As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. 8ª reimpressão. São Paulo: Editora 34.

MINAYO, M.C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

PALFREY, John; GASSER, Urs. Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de Nativos digitais. Porto Alegre - RS: Editora Artmed, 2011.

RAMOS, Daniela Karine. cruz, Dulce Márcia. 1. Jogos digitais - aprendizagem. 2. combate covid-19. 3. Aprendizagem Digital. 4. ensino remoto – pandemia. 5. Educação e Saúde. 6. atividades pedagógicas – pandemia. i. Pimentel, Fernando Silvio Cavalcante. II. Francisco, Deise Juliana. III. Ferreira, Adilson Rocha. - Maceió, AL: EDUFAL, 2021. 160 p.: il.

SILVA, Fernanda Aparecida da. Aprendizagem mediada em aulas de Educação Física com o uso de Aplicativo Gamificado: estudo de uma experiência. 132f. Dissertação (mestrado em educação matemática) – programa de Pós-Graduação

em Educação, Universidade Passo Fundo - grupo de pesquisa em inclusão digital (GEPID) orientação do prof. dr. Adriano Canabarro Teixeira.

Capítulo 7

**SUTTON HOO E A ERA VENDEL: AS ELITES
QUE SE COPIAM**

Márcia Haydée Andrade Gutierrez

SUTTON HOO E A ERA VENDEL: AS ELITES QUE SE COPIAM

Márcia Haydée Andrade Gutierrez

Mestranda do Programa de pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura Cultura – PPGCLC-Unama Ser Educacional, dedica-se ao estudo e pesquisa nas áreas de Escandinavística, Música e Ilustração, Email: marcia515.mh@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5895526508124611>.

Resumo: O sítio arqueológico de Sutton Hoo, em Suffolk na Inglaterra, abriga um dos tesouros mais ricos para se compreender a cultura Anglo-Saxã, porém seus artefatos já foram motivo de dúvida sobre qual povo ou populações pertencia. No início acreditava-se que a embarcação enterrada fosse da Era Viking, após isso o elmo encontrado na escavação fora sugerido como pertencente a Era Vendel. Nesta pesquisa discuto aspectos importantes de processos culturais distintos a fim de analisar a ligação que possivelmente existia nas escolhas de modelos de objetos entre membros de elites de regiões diferentes da Europa, como se houvesse um padrão de design que fosse apreciado pelos nobres da época.

Palavras-chave: Era Vendel; Sutton Hoo; Elmo; Elites; Arqueologia.

Abstract: The archaeological site of Sutton Hoo, in Suffolk, England, is home to one of the richest treasures for understanding Anglo-Saxon culture, but its artifacts were once a reason for doubt about which people or populations it belonged to. At first the buried vessel was believed to be from the Viking Age, after which the helmet found in the excavation was suggested to belong to the Vendel Age. In this research, I discuss important aspects of different cultural processes in order to analyze the connection that possibly existed in the choices of object models between members of elites from different regions of Europe, as if there was a design pattern that was appreciated by the nobles of the time.

Keywords: Vendel Age; Sutton Hoo; Helmet; Elites; Archeology.

1. Sutton Hoo: A escavação e seus tesouros

O arqueólogo amador Basil Brown fez a descoberta de uma vida inteira em 1939, quando limpou o solo de Suffolk e revelou a mais rica sepultura medieval intacta da Europa. Mais do que um túmulo, era um monumento funerário espetacular em escala épica: um navio de 27 metros de comprimento com uma câmara funerária cheia de riquezas deslumbrantes (GREENBERGER, 2021).

À medida que Basil e uma equipe de arqueólogos cavavam mais fundo, eles desenterraram belos vasos de festa, tigelas de luxo, talheres da distante Bizâncio, tecidos luxuosos, acessórios dourados para vestidos com granadas do Sri Lanka e o icônico capacete com máscara humana (GREENBERGER, 2021).

Os arqueólogos e a proprietária de terras Edith Pretty ficaram pasmos. Este era claramente o túmulo de uma pessoa importante alguém destinado a ser lembrado.

Sue Brunning, curadora das primeiras coleções medievais europeias, diz que o enterro foi o local de descanso final de alguém que morreu no início do século VII, durante o período anglo-saxão um tempo antes da 'Inglaterra' existir. Ela destaca o esforço e a mão de obra que teriam sido necessários para posicionar e enterrar o navio isso envolveria arrastar o navio morro acima do rio Deben, cavar uma grande vala, cortar árvores para construir a câmara, vesti-la com elegância e elevar o monte (BRITISH MUSEUM).

Enterros em navios eram raros na Inglaterra anglo-saxônica provavelmente reservados para as pessoas mais importantes da sociedade então é provável que tenha havido uma grande cerimônia fúnebre.

Infelizmente, nunca saberemos a verdadeira identidade do habitante do túmulo. Quando foi desenterrado em 1939, quaisquer restos corporais foram reivindicados pelo solo ácido local para deixar apenas uma lacuna em forma humana entre os tesouros dentro.

Isso levou a especulações iniciais sobre se o enterro do navio Sutton Hoo era realmente um cenotáfio uma tumba vazia ou um monumento erguido em homenagem a uma pessoa cujos restos mortais estão em outro lugar. No entanto, análises mais recentes detectaram fosfato no solo um indicador de que um corpo humano jazia ali.

Em última análise, Brunning não acha que a identidade seja tão importante: “A ciência moderna pode ter resolvido o mistério sobre se alguém foi enterrado aqui. Mas a escavação de 1939 realizada por Basil Brown e outros arqueólogos foi tão bem feita que seus resultados transformaram nossa compreensão dessa época da história e as vidas e crenças das pessoas que viveram naquela época. Esse é um resultado mais valioso, na minha opinião (BRITISH MUSEUM).



Figura 1: Vista da escavação do navio-enterro em Sutton Hoo, Suffolk, Inglaterra, 1930.

Fonte: <https://www.britishmuseum.org/collection/death-and-memory/anglo-saxon-ship-burial-sutton-hoo#&qid=1&pid=5>

Apesar da falta de restos humanos, ainda foi possível recolher informações pessoais sobre o habitante.

O estudo de Brunning da espada Sutton Hoo a levou a acreditar que o dono era canhoto, com padrões de desgaste indicando que era usado no lado direito e carregado na mão esquerda (BRITISH MUSEUM).

Os outros bens funerários também nos dizem muito sobre a pessoa ali enterrada. Os enlutados em Sutton Hoo escolheram e organizaram os bens funerários ao redor da câmara funerária de uma maneira significativa para transmitir mensagens sobre a identidade e o status da pessoa morta na sociedade - como um líder poderoso, rico, generoso, conectado com o mundo mais amplo e o glorioso Império Romano passado.

O icônico capacete Sutton Hoo foi envolto em pano e colocado perto do lado esquerdo da cabeça da pessoa morta. É uma peça de arte verdadeiramente deslumbrante, funcional e bonita, com uma tampa abobadada e bochechas profundas.

O elmo é coberto de imagens complicadas, incluindo guerreiros que lutam e dançam e criaturas ferozes. A máscara facial em conjunto forma um dragão cujas asas

fazem as sobancelhas e cauda o bigode. Granadas revestem as sobancelhas, mas apenas uma é apoiada com refletores de folha de ouro talvez uma referência ao deus de um olho, Woden (BLAKEMORE, 2021).

As armas encontradas ao redor do corpo são igualmente impressionantes: uma espada com um pomo cloisonné de ouro e granada, um arnês de espada com células granadas extremamente intrincadas e a enorme fivela de cinto de ouro, também primorosamente projetada. Como um conjunto, eles fariam o usuário parecer majestoso e são o trabalho de um mestre ourives com habilidades que os joalheiros modernos lutam para recriar (BLAKEMORE, 2021) .

Vasos de bebida e tecidos dobrados foram colocados na parte inferior das pernas, e perto dos pés havia uma pilha de roupas e objetos de metal, incluindo sapatos de couro, uma tigela de prata e uma armadura de malha única.

Em cima dela havia uma enorme bandeja de prata com selos mostrando que foi feita em Constantinopla, a capital do Império Bizantino (hoje Istambul). A bandeja já tinha um século quando enterrada em Sutton Hoo e reflete as conexões de longa distância da Anglia Oriental.

Um conjunto aninhado de dez tigelas de prata foi colocado à direita do corpo. Sua forma e decoração mostram que vieram do Império Bizantino no Mediterrâneo Oriental, durante o século VI.

Abaixo delas havia duas colheres de prata, também provavelmente bizantinas, com os cabos inscritos em grego. Uma inscrição é mais confusa que a outra e pode ter sido adicionada mais tarde por alguém que não estava familiarizado com o grego.

Havia também uma grande bolsa decorada contendo 37 moedas de ouro, três moedas em branco e dois pequenos lingotes, o que causou uma reação entre os arqueólogos. Cada moeda veio de uma casa da moeda diferente na Francia, do outro lado do Canal da Mancha, e fornecem evidências importantes para a data do enterro, no início do século VII.

Um enorme escudo de madeira foi colocado na parede oeste da câmara (a cabeceira do enterro). Este era muito ornamentado, decorado com um anel de cabeças de animais ao redor da borda e imagens de uma ave de rapina e dragão. Uma pedra de amolar (pedra de amolar) também foi colocada ao longo desta parede. Era uma barra longa e lisa esculpida com rostos humanos em cada extremidade e encimada com o modelo de um veado.

Objetos domésticos jaziam na extremidade leste da câmara, incluindo banheiras e baldes de madeira, dois pequenos caldeirões e um muito grande com uma intrincada corrente de ferro que o suspendia sobre o fogo.



Figura 2: O feche da bolsa de Sutton Hoo, o feche da bolsa teria sido anexada a uma bolsa de couro que originalmente dependia de um cinto. Fonte: https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1939-1010-2-a-1

2. A Era Vendel:

Na pré-história sueca, a era Vendel (550-793) é o nome dado a uma parte da Idade do Ferro germânica (ou, mais geralmente, o Período de Migração). As migrações e as convulsões na Europa Central diminuíram um pouco, e duas regiões de poder apareceram na Europa: o reino merovíngio e os principados eslavos na Europa Oriental e nos Bálcãs. Um terceiro poder, a Igreja Católica, começou a expandir sua influência. Na Escandinávia, a sociedade de clãs germânicos ainda estava muito viva. Em Uppland, no que hoje é a parte centro-leste da Suécia, Old Uppsala era provavelmente o centro da vida religiosa e política. Tinha um bosque sagrado bem conhecido e grandes Montes Reais (NICHOLS, 2021).

Houve contatos vivos com a Europa Central, e os escandinavos continuaram a exportar ferro, peles e escravos; em troca, adquiriam arte e inovações, como o estribo. Os achados em Vendel e Valsgärde mostram que Uppland era uma área importante e poderosa consistente com o relato das sagas de um reino sueco. Algumas das riquezas provavelmente foram adquiridas através do controle de distritos de mineração e da produção de ferro. Os governantes tinham tropas de guerreiros de elite montados com armaduras caras. Túmulos de guerreiros montados foram

encontrados com estribos e ornamentos de sela de aves de rapina em bronze dourado com granadas incrustadas. Esses guerreiros de elite montados são mencionados no trabalho do estudioso gótico do século VI Jordanes, que escreveu que os suecos tinham os melhores cavalos ao lado dos turíngios. Eles também ecoam muito mais tarde nas sagas nórdicas, onde o rei Adils é sempre descrito como lutando a cavalo (tanto contra Áli quanto contra Hrólf Kraki). Snorri Sturluson escreveu que Adils tinha os melhores cavalos de seus dias. Os jogos eram populares, como é mostrado em achados de jogos de tafl, incluindo peões e dados. Este é o momento em que as expedições suecas começam a explorar as vias navegáveis do que viria a se tornar a Rússia (NICHOLS, 2021).



Figura 3: Elmo da Era Vendel no museu Statens historiska. Fonte:

<https://securereservercdn.net/160.153.137.123/vg1.fa1.myftpupload.com/wp-content/uploads/2021/05/Ola-MyrinStatens-historiska-museum-.jpg> .

3. O elmo de Sutton Hoo, e a problemática Escandinava:

Os elmos são talvez os emblemas mais famosos desse período, e apontam não apenas para o lado marcial dessa sociedade, mas para suas conexões mais distantes, neste caso entre a Suécia e a Inglaterra. Especialmente o elmo da sepultura de Sutton Hoo, mas também os capacetes encontrados em Coppergate e Staffordshire, mostram paralelos notáveis com os materiais suecos, e tais capacetes não foram encontrados em nenhum lugar fora da Inglaterra ou da Escandinávia. Sutton Hoo também é revelador, pois a forma geral do enterro, com seu barco, armas e animais,

lembra assustadoramente os túmulos de barco do Período Vendel da Suécia (PRICE e MORTIMER, 2014, pág. 517-538). Os anglo-saxões eram descendentes de migrantes da Dinamarca nos anos 400 d.c, então as conexões ultramarinas entre a Grã-Bretanha e a Escandinávia não eram “novas” mas esses achados particulares datam de séculos depois e provavelmente representam um novo vínculo cultural forjado muito depois do fim da era o Período de Migração (HENNIUS, 2021).

Isso nos leva a mais um desenvolvimento, mais sutil, mas não menos consequente. Juntamente com as novas conexões com o exterior, havia um interesse crescente dos nórdicos nas partes periféricas da própria Escandinávia, em paisagens além de suas esferas agrícolas usuais. Eles começaram a aproveitar muito mais o potencial de recursos de regiões como costas e florestas, bem como os pontos mais setentrionais da Península Escandinava. Foi também aqui que seus contatos com o povo Sámi aumentaram e se intensificaram, um processo cujos efeitos na cultura nórdica (talvez especialmente em sua religião) foram muitas vezes muito subestimados.



Figura 4: Uma réplica do famoso elmo encontrado em Sutton Hoo. Fonte:

https://www.artnews.com/wp-content/uploads/2021/01/AP_20149539518639.jpg.

4. As elites lançam tendências, entre seus membros:

É importante ter em mente que a maior parte dos achados arqueológicos e fontes históricas pintam um retrato das elites, mas sabemos muito menos sobre a vida dos agricultores, comerciantes e artesãos, muito menos os não-livres, nesta sociedade. Muito do trabalho impressionante de ferreiros e construtores de navios foi preservado, mas, infelizmente, poucos vestígios da vida dessas pessoas sobreviveram até os dias modernos os edifícios em que viviam há muito apodreceram (como os das elites), a maioria de seus bens perdidos no tempo. Além disso, a cremação ainda era a norma para a maioria das pessoas da época (incluindo muitas elites), e assim ficamos com poucos e preciosos restos físicos das próprias pessoas comuns. Mas essas pessoas eram a espinha dorsal desta sociedade e deve ser lembrado que somente por seu trabalho duro e seus esforços os jarls em seus salões tinham algum posto (RUNDKVIST, 2011).

Então, voltamos agora à pergunta com a qual começamos: o que colocou tudo isso em movimento? Esta é uma situação complexa que provavelmente terá muitas causas. O aumento na guerra pode ser plausivelmente resultado do conflito causado em toda a Europa pelo colapso do Império Romano do Ocidente. A necessidade de uma sociedade guerreira forte pode, por sua vez, ter dado origem a uma ideologia que mitificou guerreiros fortes. No entanto, além disso, os novos tipos de monarquia que estavam surgindo em todo o continente - especialmente a dinastia franca merovíngia parecem ter causado uma grande impressão nas elites escandinavas e elas podem ter tentado modelar sua própria sociedade em uma padrão semelhante. O foco no tesouro também é um aspecto fundamental do Período Vendel e também é de natureza ideológica: não apenas o tesouro é materialmente valioso, mas o mais prestigioso dos tesouros eram aqueles que vinham de fora do próprio reino nórdico. Alguém que pudesse adquirir esses tesouros exóticos tinha um alcance impressionante, e tal poder era atraente para atrair seguidores leais para o seu lado. E quanto mais poder um chefe ganhava quanto mais vitórias conquistadas, prestígio conquistado, riquezas adquiridas, lealdade acumulada, influência espalhada – mais eles começavam a olhar além do nome de jarl para o título de rei...(RUNDKVIST, 2011).

É difícil identificar exatamente quando o Período Vendel terminou e a Era Viking começou, mas é claro que a Era Viking nunca teria se tornado o que era se não fosse pelas tendências postas em movimento em os séculos anteriores a ela. A

reorganização da sociedade nórdica no Período Vendel preparou o terreno para os reinos poderosos que finalmente se uniram ao longo da Era Viking e moldaram os guerreiros, comerciantes e poetas nórdicos que se impressionaram com tanta força no continente. Perto de seu fim, também viu a fundação das primeiras "cidades" de mercado na história da Escandinávia: Hedeby e Ribe (Dinamarca), Kaupang (Noruega) e Birka (Suécia), através das quais o comércio nórdico com o mundo exterior cresceu dramaticamente e trouxe quantidades inteiramente novas de riqueza e contatos distantes à sua porta. À medida que a idade de ouro do Período Vendel chegava ao fim, ficou claro que os nórdicos estavam prontos para enfrentar o mundo como nunca antes (HEDEAGER, 2008, pág. 11-22).

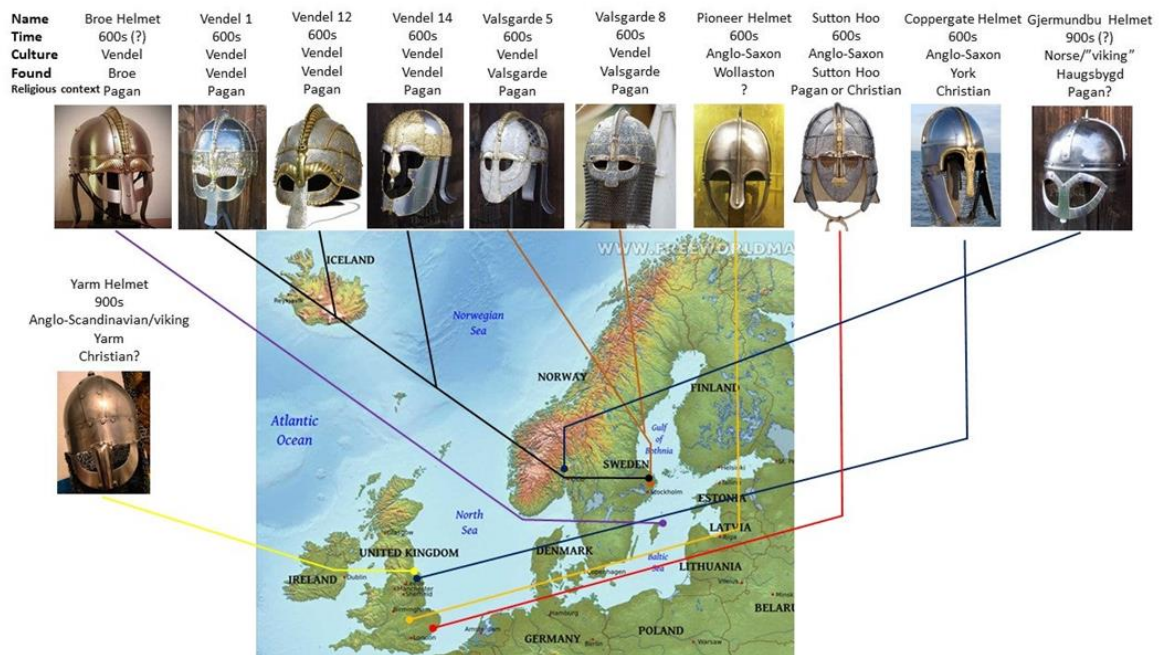


Figura 5: Mapa dos elmos Vendel, nórdicos e anglo-saxões encontrados. Fonte: <https://preview.redd.it/87xhv48xyp271.jpg?width=1280&format=pjpg&auto=webp&s=5eec3bb33aadbce82a56dd9fd69069677fded521>.

5. Conclusão

Podemos testemunhar de que sem dúvida Sutton Hoo foi um dos achados mais fascinantes da História e que esconde muitos segredos, além de ter revelado detalhes surpreendentes do cotidiano anglo-saxão. A conexão entre regiões diferentes como no caso da Inglaterra e da Escandinávia foi muito além da herança germânica compartilhada entre suas populações naquele período. Sabe-se que padrões

semelhantes em detalhes de objetos de uso pessoal foram apreciados pelos membros das elites locais, o padrão Vendel e a arte anglo saxônica presentes nos exemplos dos Elmos indica também um padrão de influência de uma cultura sobre a outra.

É como se houvesse uma tentativa de se copiar algo que estava em grande tendência no período, os padrões do elmos indicam o uso do mesmo cobrindo toda cabeça com uma espécie de máscara facial e detalhamento de cenas ritualísticas, cotidianas ou de divindades em torno das placas do elmo. As elites surgem com um padrão que se manifesta entre as mesmas e as tornam únicas e especiais para quem os usa, era como ter o privilégio de poder utilizar um equipamento rico em detalhes e que o diferenciava em campo de batalha ou até mesmo intimidar o exército oposto.

Referências Bibliográficas:

Fontes secundárias:

1. HEDEAGER, Lotte. **Scandinavia Before the Viking Age. In: the Viking World** (editado por Stefan Brink e Neil Price). Routledge, London, 2008, pág. 11-22.
2. HENNIUS, Andreas. **Outlanders?: Resource colonisation, raw material exploitation and networks in Middle Iron Age Sweden**. Uppsala University Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala, 2021.
3. PRICE, Neil. e MORTIMER, Paul. **An Eye for Odin? Divine Role-Playing in the Age of Sutton hoo. European Journal of Archaeology**. 17 (3), 2014, pág. 517-538.
4. RUNDKVIST, Martin. **Mead-halls of the Eastern Geats: Elite Settlements and Political Geography AD 375-1000 in Östergötland, Sweden**. KVHAA, Stockholm, 2011.

Fontes Online:

BLAKEMORE, Erin. Navio fúnebre anglo-saxônico de Sutton Hoo foi provavelmente o último do seu gênero. 30 de fevereiro de 2022. Disponível em:

<<https://www.natgeo.pt/historia/2021/02/navio-funebre-anglo-saxonico-de-sutton-hoo-foi-provavelmente-o-ultimo>> Acesso em: 09 de ago. de 2022.

BRITISH MUSEUM. The Anglo-Saxon ship burial at Sutton Hoo. Disponível:

<<https://www.britishmuseum.org/collection/death-and-memory/anglo-saxon-ship-burial-sutton-hoo>> Acesso em: 09 de ago. de 2022

GREENBERGER, Alex. Why England's Sutton Hoo Burial Remains One of the Greatest Archaeological Finds. In: **Artnews**. 20 de janeiro de 2021. Disponível em:

<<https://www.artnews.com/feature/sutton-hoo-burial-why-is-it-important-1234581788/>> Acesso em: 09 de ago. de 2022.

NICHOLS, Christopher. The Vendel Period: The Golden Age of the Norse. In: Scandinavian archaeology. 23 de maio de 2021. Disponível em: <<http://www.scandinavianarchaeology.com/the-vendel-period-the-golden-age-of-the-norse/>> Acesso em: 09 de ago. de 2022.

AUTORES

Alhandra do Amaral Pacheco

Informações para contato: Soraalhandra@gmail.com

Edu Souza de Oliveira Júnior

Mestrando na Must University na Flórida, Estados Unidos Da América, Graduado em Educação Física, Servidor Técnico do IFSP. Pesquisa Novas Tecnologias na Educação.

Érico Tadeu Xavier

Doutor em Teologia (PUC,RJ) e professor de teologia no Seminário Adventista Latino Americano, Ivatuba, PR.

Felipe Eduardo Canuto Bonini

Acadêmico do curso de Letras Inglês da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ra113025@uem.br

Gisele Morales

Pedagoga, professora de anos iniciais; Orientadora e mestranda em Educação Matemática- UFPEL.

Márcia Haydée Andrade Gutierrez

Mestranda do Programa de pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura Cultura – PPGCLC-Unama Ser Educacional, dedica-se ao estudo e pesquisa nas áreas de Escandinavística, Música e Ilustração, Email: marcia515.mh@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5895526508124611>.

Marcos Junior Churkin

Estudante de Tecnologia da Informação pelo SENAI - PR, pesquisa e pratica programação de dados.

Ody Marcos Churkin

Professor no IFSP (Licenciatura em Ciências Biológicas, Tecnologia em Gestão Ambiental), integrante do grupo de Formação de Professores do IFSP, escritor, poeta e palestrante em metodologias ativas, mobile learning, em especial o BYOD com a

criação do processo pedagógico BYOD by ODY; orientador EaD; Mestre em novas tecnologias na educação, Especialista em Educação a Distância e Psicopedagogo. Graduado em Filosofia e Pedagogia pela UFPR.; trabalhos apresentados no VIRTUAL EDUCA GLOBAL 2021, Lisboa- Portugal, na Universidade de Lisboa em 2019, palestrante na ABED em 2018, palestrante no VIRTUAL EDUCA, CONONMETA 2019, apresentações orais no EDUCERE PUC-PR, ESOCITE 2021 e 2018 na Universidade do Chile, ESOCITE 2017-em Brasília na UnB; em Curitiba trabalhos apresentados para a Editora Positivo, em Salvador no FORTEC - UNEB e Recife UFPE.

Sidinei Eduardo Batista

Doutor em Letras, atualmente, é professor adjunto do Departamento de Letras da UTFPR, campus de Pato Branco. Suas preocupações acadêmicas giram em torno da aporia emanada pelos conceitos de Modernidade, Pós-modernidade e Contemporaneidade. O pesquisador se sente à vontade com as lentes da Semiótica das Paixões e, nesse contexto, interessa-se muito pelo percurso gerativo de sentido que conduz as personagens à vingança. E-mail: sidineibatista@professores.utfpr.edu.br

Suelen Borges Loth Correa

Socióloga, pedagoga, professora de anos iniciais e mestranda em Educação - UFPEL.

ISBN 978-658601328-3



9

786586

013283

uniatual
EDITORA